

RAINBOW GHOSTING

Uma iniciativa da **LLYC**



*Quando as vozes
responsáveis abandonam
a conversa, o ódio é
quem escreve...*

ORGULHO SEM RESPOSTA

MENSAGEM FIXADA

A NOSSA DISPOSIÇÃO PARA RESPONDER ESTÁ A MUDAR?

Durante anos, junho, o **Mês do Orgulho**, amplificou uma ideia partilhada. A **diversidade**, a **inclusão** e o **respeito** faziam parte do mundo que estávamos a construir. Empresas, líderes e sociedade uniram as suas vozes para **converter o Pride num sinal público de pertença**.

Essa ideia **continua viva**. O que está a **mudar** é a **força do seu eco**.

As causas são múltiplas e o ritmo varia de país para país. Mas o padrão repete-se: o **sistema de apoio** que antes **impulsionava esta conversa** está, hoje, a **baixar o volume**.

A comunidade LGBTIQ+ continua a **erguer a sua voz, a criar, a contribuir e a ocupar o seu espaço**.

Por isso, o **Orgulho continua a escrever...**

No entanto, **encontra cada vez mais mensagens lidas e sem resposta**.

E quando uma **conversa recebe menos respostas**, a história **começa a mudar...**

Assim, conceitos como **vulnerabilidade, medo** ou **luta**, ganham terreno face a **autonomia, ambição, trabalho** ou **futuro**. A **inteligência artificial já reflete esta rutura**: ao ver-se confrontada com situações quotidianas, tende a **associar o coletivo à fragilidade**, enquanto vincula com maior frequência a **capacidade de influência** e o **sucesso às identidades cisgénero heterossexuais**.

É claro que **não o faz por vontade própria**. **Aprende com a narrativa que lhe deixamos disponível**. E se a **informação sobre diversidade diminui**, a **máquina pode manter o coletivo visível** e, ao mesmo tempo, **representá-lo a partir de um horizonte cada vez mais limitado**.

Isto é **Rainbow Ghosting**: uma investigação sobre o **recuo no apoio público à diversidade**, e sobre a forma como esta **mudança silenciosa molda as representações da principal ferramenta que definirá o nosso futuro**: a IA.

Analisamos esta transformação para fornecer **dados, contexto** e **critérios** que ajudem a identificar o impacto que esta **perda de intensidade tem impacto nas identidades** atuais e a antecipar um **risco**: o de os **algoritmos acabarem por codificar a exclusão do futuro**.

Deixar **uma mensagem em 'visto' e sem resposta** não significa que a conversa **tenha terminado**. Significa que aquilo que estamos a **deixar de contar hoje**, tem impacto no **relato que iremos encontrar no futuro**.

É por esse motivo, que decidimos manter a conversa aberta e continuar a responder...

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.

METODOLOGIA.

CAPÍTULO 1.

A resposta torna-se intermitente.

CAPÍTULO 2

As vozes que respondem menos.

CAPÍTULO 3

O ódio é quem escreve...

CAPÍTULO 4

Quando a pertença se torna mais frágil.

CAPÍTULO 5

A máquina também escreve...

CAPÍTULO 6

Voltar a responder.



INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, o Pride funcionou como um sinal incontornável de visibilidade, direitos e pertença para o coletivo LGBTIQ+. Era uma forma de participar no espaço público e de recordar que a liberdade necessita de leis, mas também de testemunhos e respostas coletivas. Para o resto da sociedade, também representou **um espaço de concórdia social, um símbolo de progresso e um terreno seguro, no qual demonstrar compromisso com a convivência**, refletia um consenso ético que parecia consolidado.

Mas os consensos, se não forem defendidos, fraturam-se. Em edições anteriores dos nossos estudos, assinalámos que o apoio institucional e a comunicação em torno da inclusão representavam apenas um ponto de partida indispensável. Hoje, **assistimos a um recuo social no qual até esses mínimos estão em disputa**. A cobertura sobre a diversidade reduz-se drasticamente, ao encapsular-se quase em exclusivo em junho, o Mês do Orgulho. Em paralelo, em ambientes institucionais e corporativos, os compromissos vinculados à DEI (Diversidade, Equidade e Inclusão) são revistos por baixo, reformulados ou perdem exposição pública. Se muitas empresas houveram que quiseram subir à pressa para o carro alegórico LGBTIQ+, hoje, outras tantas querem descer dele.

Este recuo responde a uma mudança tectónica a nível global: **o aumento da divisão social e a ruptura dos acordos de convivência**. Para as organizações, ceder perante este clima representa um risco estratégico. Ao longo dos anos em que analisámos estas dinâmicas, comprovamos que é precisamente nestes momentos que se demonstra a verdadeira liderança. A autoridade de uma marca perante os seus clientes e a sociedade constrói-se mantendo o rumo e os valores, precisamente quando o contexto pressiona em sentido contrário.

A cobertura mediática sobre diversidade
sofre uma forte redução e passa a
concentrar-se quase exclusivamente em
junho, o mês do orgulho.

Ao mesmo tempo que determinados sinais inclusivos perdem continuidade, **as narrativas hostis ocupam o seu espaço e aprendem novos códigos de circulação**. A exclusão aparece hoje em diversas frentes, camuflada como rejeição de uma agenda ideológica, amparada no humor, na moralidade, no suposto senso comum, ou no aceso debate político. O que antes se reconhecia como violência explícita, hoje move-se sob formas normalizadas, que parecem defensáveis e são muito mais difíceis de isolar.

Esta disputa também se está a transferir-se para os sistemas que começam a mediar a nossa forma de explorar e representar o mundo. Os modelos de inteligência artificial ordenam referências, hierarquizam possibilidades e devolvem quadros de interpretação. Perante perguntas equivalentes, alguns **modelos tendem a associar pessoas do coletivo LGBTQ+ com respeito, medo, aceitação ou rejeição; enquanto os perfis cisgénero heterossexuais aparecem sistematicamente mais vinculados a autonomia, trabalho, superação, planeamento e futuro**.

O risco é duplo. Primeiro, que o coletivo seja invisibilizado. Mas também, em segundo lugar, que se mantenha **visível dentro de um quadro cada vez mais reduzido**; mais perto da vulnerabilidade do que da aceitação, mais associado à resistência do que à ambição, e mais representado a partir do rótulo do que a partir da complexidade de uma vida plena.

Tendo o Pride como pretexto temporal, **analisamos neste relatório uma mudança mais profunda**. O que acontece quando a igualdade, a diversidade e o respeito pelo coletivo **deixam de receber respostas sustentadas no tempo e verdadeiramente comprometidas**. Que narrativas ocupam o espaço que fica livre. Que identidades se convertem em território de conflito cultural. E como a IA pode reproduzir, amplificar ou fixar esses vieses.

Deixar a inclusão em “visto” não silencia a polarização. Pelo contrário: abre uma pergunta muito mais importante: **quem queremos que escreva o futuro?**

Não existe uma causa única nem uma relação linear entre a menor visibilidade, a hostilidade e os retrocessos materiais, por um lado, e os vieses algorítmicos, por outro. Estas dimensões fazem parte de um mesmo ecossistema cultural, no qual **as ausências também comunicam, as narrativas também treinam a máquina e as respostas que decidimos não dar acabam por ser escritas por outros**.

Deixar a defesa da inclusão sem resposta não desliga o ruído da polarização, apenas abre uma pergunta muito mais importante: **quem queremos que escreva o futuro?**

METODOLOGIA

As **conversas que marcam o futuro são cada vez mais mediadas pela tecnologia**. Analisar o seu impacto social torna-se, portanto, imprescindível para compreender como se constroem hoje a **representação**, a **pertença** e os **quadros a partir dos quais interpretamos a realidade**.

Deste ponto de partida, este relatório centra-se numa **reação em cadeia** que consideramos relevante: o **recuo da conversa institucional elimina as referências positivas e de inclusão, deixando um vazio que é ocupado sem fricção por narrativas hostis**. Quando a inteligência artificial é treinada através da ingestão deste ecossistema digital desequilibrado, assimila e automatiza esses vieses, **devolvendo-nos uma representação do coletivo LGBTQ+ ancorada na vulnerabilidade e no estigma**.

Para dimensionar o alcance real deste duplo fenómeno, desenhamos uma investigação estruturada em duas frentes de análise:

1. A AUDITORIA DO ECOSSISTEMA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Para medir a quebra da conversa e o aumento da hostilidade, o estudo abrangeu uma análise exaustiva de meios de comunicação e plataformas sociais em **12 países** (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Espanha, Estados Unidos, México, Panamá, Peru, Portugal e República Dominicana) para detetar:

- **Declínio da visibilidade:** analisaram-se **15 122 069** notícias vinculadas à DEI e à comunidade LGBTQ+ publicadas entre **2021 e 2026**. Em paralelo, para avaliar a perda de curiosidade cultural, monitorizaram-se **8 critérios de pesquisa a nível global no Google Trends** ao longo dos últimos cinco anos (incluindo termos como *gender fluid*, *trans* ou *queer*).
- **Avanço da hostilidade:** através da escuta da conversa social desde 2018, recolheram-se **201 998 304 mensagens no X**, identificando-se mais de 4,6 milhões de mensagens de carácter violento.
- **Processamento de Linguagem Natural (NLP):** ao focar esta vertente da análise no período de maior consolidação da polarização (2023), aplicámos técnicas avançadas (Stemming, Lematização, Sacos de palavras), para analisar semanticamente **8 383 662 mensagens em três idiomas** (espanhol, inglês e português), conseguindo isolar 17 "territórios" de hostilidade discursiva, entre os quais se destacam a patologização, a ridicularização, a desumanização e as narrativas contra os direitos.

2. A AUDITORIA DO VIÉS ALGORÍTMICO GENERATIVO

Para compreender como a Inteligência Artificial processa e reproduz este ambiente polarizado, submetemos a avaliação o comportamento textual e visual dos principais modelos de linguagem (LLMs):

- **Análise textual (a quebra de capacidade de influência):** com a utilização do ChatGPT 5.1, testámos **90 perguntas** sobre inquietações vitais agrupadas em 9 blocos temáticos. Avaliámos as respostas ao comparar o **tratamento concedido a cinco perfis baseados em orientações e identidades distintas** (quatro do coletivo LGBTQI+ face a uma cisgénero heterossexual), analisadas sistematicamente sob a perspetiva tanto de rapazes como de raparigas. Isto permitiu-nos identificar, através de NLP (Natural Language Processing), **34 territórios semânticos** para comprovar como a IA distribui conceitos como o medo, a depressão, ou a autonomia segundo o perfil do utilizador.
- **Análise visual (a marginalização representativa):** ao empregar o modelo **Gemini (gemini-2.5-flash-image)**, analisaram-se **627 imagens geradas por meio de inteligência artificial**. Destas, 100 imagens foram geradas sem contexto para auditar o viés puro na representação de perfis específicos. As 527 restantes foram submetidas a condicionantes narrativos de elevada carga emocional (ex. "Como enfrentar o medo em ambientes onde estou em minoria" ou "O que faço se já não quiser viver"), avaliando iterações através de 10 orientações de género e sexuais distintas para comprovar a estigmatização visual.



CAPÍTULO 1

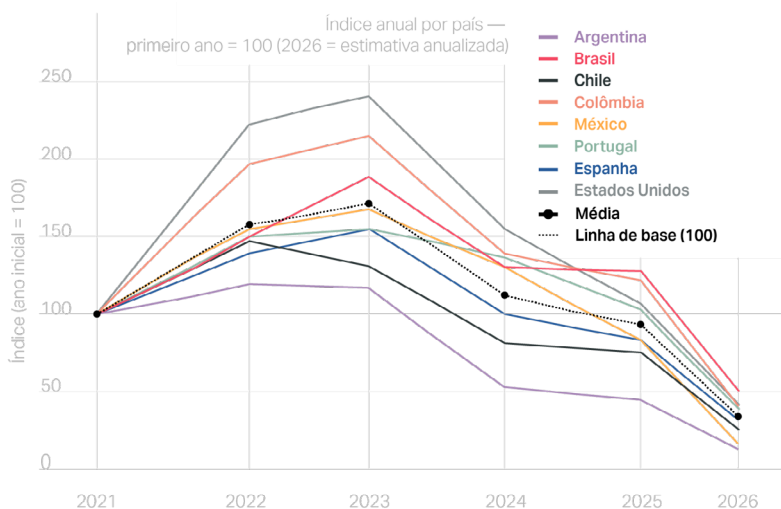
A RESPOSTA TORNA-SE INTERMITENTE.

QUANDO A INCLUSÃO SE TORNA SAZONAL...

Todos os anos, em junho, a conversa parece reacender-se com a mesma intensidade de sempre: as ruas enchem-se de arco-íris, os logótipos mudam de cor e as instituições publicam os seus manifestos. No entanto, **um pico sazonal de conversa nem sempre é sinal de um ecossistema saudável**; por vezes, revela a fragilidade do terreno que pisamos durante o resto do ano.

E a verdade é que a comunidade LGBTIQ+ não faz uma pausa quando o mês termina. A luta pelos direitos, pelo espaço e pela representação acontece diariamente. Há apenas alguns anos, analisámos como o **compromisso dos CEOs com a diversidade era consistente, público e um padrão de liderança indiscutível** (LLYC, 2022) ¹. Hoje, perante um contexto global marcado pela polarização, pela pressão reputacional e pela chamada fadiga anti-woke, esse ecossistema está a reduzir a sua voz.

Não estamos perante o fim da visibilidade, mas sim perante uma perda de frequência e de continuidade. E os dados confirmam esta mudança de ciclo. **Em 2023, publicavam-se duas vezes mais notícias sobre DEI do que em 2025 e até seis vezes mais do que atualmente.** Se observarmos a tendência dos últimos cinco anos em todos os países analisados, a quebra é constante: menos **2,5 % por trimestre desde 2021**, acelerando para uma redução de quase **10 % por trimestre nos últimos três anos.**



O primeiro sinal do *ghosting* é que o ambiente começa a responder menos.

A cobertura mediática perde continuidade:

Evolução do volume de notícias publicadas sobre DEI nos últimos cinco anos.

¹ LLYC. (2022). Compañías y diversidad LGTBIQ+ en la conversación digital. <https://llyc.global/ideas/companias-y-diversidad-lgtbiq-en-la-conversacion-digital/>



Estes dados correspondem ao universo geral da DEI, não exclusivamente a conteúdos sobre a comunidade LGBTQ+. No entanto, permitem observar o **enfraquecimento de um quadro informativo mais amplo no qual a diversidade sexual e de género ocupou um lugar relevante** e que, especialmente durante o Pride, contribuía para sustentar conversas sobre reconhecimento, igualdade e pertença.

A REPRESENTAÇÃO COMO FONTE DE CONFIANÇA...

A redução da cobertura não implica uma perda de espaço para a diversidade, mas **amplia a distância entre os meios de comunicação e os públicos diversos que procuram ver-se refletidos com maior precisão, continuidade e complexidade.**

Durante muito tempo, parte dos públicos LGBTQ+ percebeu que a **imprensa, as revistas, a rádio** ou os **livros** impressos **retratavam as suas experiências com menor proximidade do que os ambientes digitais.** Essa distância não responde necessariamente a uma rejeição dos formatos tradicionais, mas sim à qualidade, autenticidade e amplitude das histórias que encontram neles.

Alguns dados de consumo mostram uma correlação positiva entre **uma representação autêntica do coletivo e variáveis como a afinidade face aos conteúdos.** Quando os públicos se podem reconhecer sem estereótipos nem simplificações, **desenvolvem uma relação mais favorável com os meios de comunicação e as organizações que os produzem** (Nielsen, 2022)².

A relevância cultural e o impacto positivo nos públicos não avançam, portanto, por caminhos separados. **Integrar vozes reais, ampliar o repertório de histórias e refletir com maior fidelidade a sociedade, também fortalece a capacidade de gerar identificação, confiança e conexão.**

Duas indústrias tradicionais permitem observar como essa relação pode contribuir para renovar a sua relevância.

O setor editorial: fenómenos digitais como o **BookTok** demonstraram a capacidade das comunidades online para transladar a conversa cultural para o livro impresso. A procura de **histórias com representação diversa levou novos públicos a livrarias, editoras, autores e géneros que durante anos permaneceram fora dos principais circuitos de visibilidade.**

² Nielsen. (2022, junho). A new chapter in inclusivity: How LGBTQ+ audiences are reviving traditional media. <https://www.nielsen.com/insights/2022/a-new-chapter-in-inclusivity-how-lgbtq-audiences-are-reviving-traditional-media/>

Longe de abandonar os formatos físicos, os públicos mais jovens impulsionam a sua renovação quando encontram relatos capazes de refletir as suas identidades, interesses e experiências. A diversidade **aparece aqui como parte de uma transformação mais ampla do que as pessoas esperam ler e de quem esperam encontrar dentro dessas histórias.**

Quando a indústria amplia o repertório de vozes que publica, também amplia a sua capacidade para conectar com novas comunidades leitoras, gerar conversa e recuperar relevância cultural.

Jornais e revistas: esta mesma lógica pode observar-se em publicações do México e do Brasil que publicaram nas **suas capas criativas**, artistas e trans como **Victoria Volkova ou Linn da Quebrada**. Estes exemplos mostram como os meios de comunicação tradicionais podem reconectar-se com a conversa contemporânea quando incorporam **exemplos historicamente ausentes e os integram nos seus relatos com profundidade e critério editorial.**

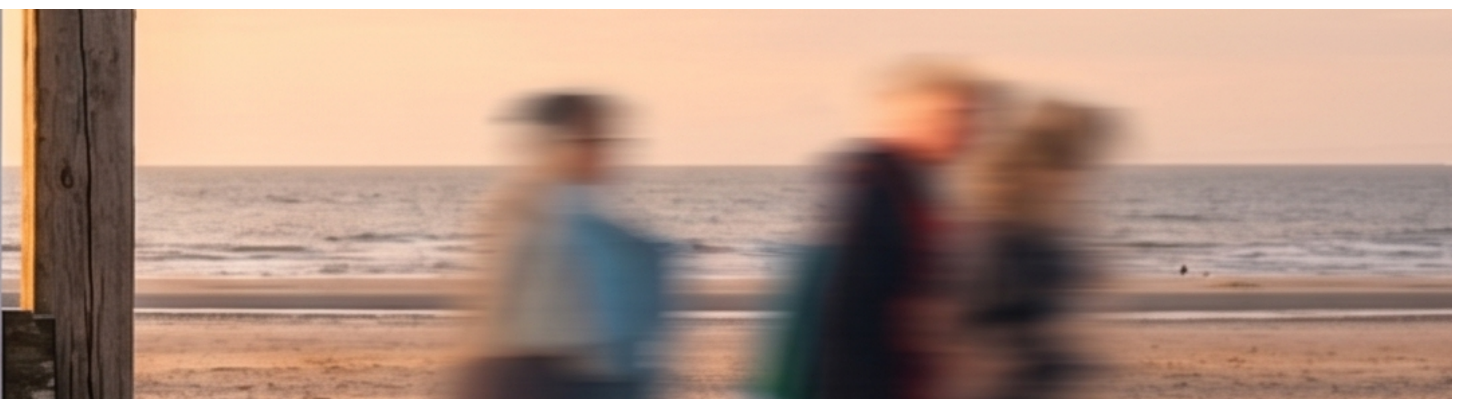
O valor depende da abordagem, do contexto e da capacidade do meio de comunicação para evitar que essa presença fique reduzida a uma exceção, símbolo ou controvérsia. **Quando a representação é autêntica, a capa converte-se num sinal de relevância cultural:** demonstra que o meio de comunicação compreende quem faz parte da sociedade, que conversas a transformam e que histórias necessitam de encontrar espaço. Falamos de coragem editorial.

Os públicos diversos nem sempre abandonam os formatos tradicionais. **Às vezes deixam de se encontrar dentro deles.**

O *ghosting* também pode produzir essa desconexão. Quando determinadas vozes ficam confinadas a momentos pontuais, os **meios de comunicação reduzem o espaço disponível para essas vidas e afastam-se de comunidades que continuam à procura de histórias onde se possam reconhecer.**

Uma representação mais autêntica pode fortalecer a identificação, a confiança, a afinidade e a disposição para se relacionar com os conteúdos que os acompanham. Não porque a diversidade se deva converter numa fórmula comercial, mas sim porque a capacidade de **interpretar com precisão a sociedade, continua a ser uma das principais fontes de relevância para qualquer meio de comunicação, marca ou organização.**

Representar melhor significa ampliar quem se pode **ver dentro de uma história.** E, ao fazê-lo, **ampliar também a capacidade dessa história para conectar, permanecer e gerar valor.**



UM VAZIO GLOBAL: A PERDA DE CONTEXTO NÃO DISTINGUE FRONTEIRAS...

Mas quando um tema aparece menos em meios de comunicação, relatórios, instituições e conteúdos públicos, perde tanto em **volume** como em **contexto**, ao reduzirem-se as oportunidades de incorporar matizes, mostrar referentes e disputar as interpretações que outros atores constroem sobre ele. Dito de outro modo:

O que se fala menos, explica-se menos.

O que se explica menos, entende-se pior.

E o que se entende pior, fica mais exposto a ser definido por outros.

E esta quebra não avança com a mesma intensidade em todos os mercados analisados. Por exemplo, em 2025, a **Argentina registou menos 63%** de publicações sobre DEI do que em 2023; os **Estados Unidos**, menos **55%**; e **Espanha**, menos **48%**.

A perda de sinal não ocorre da mesma forma em todos os mercados, mas aponta para um mesmo sintoma: **a conversa pública sobre diversidade e inclusão deixa de responder com a mesma frequência.**

ARGENTINA	-63%	A quebra mais acentuada ocorre num ambiente onde a diversidade se converteu num campo de batalha político e institucional.
EUA	-55%	Reflete um recuo marcado pelo medo corporativo, pela revisão silenciosa de orçamentos DEI e pelo temor ao boicote reputacional.
ESPAÑA	-48%	O dado mais revelador: mesmo em países com um quadro institucional sólido e militante a favor da diversidade, a conversa pública baixa quase para metade.

Os três mercados representam **contextos políticos e institucionais muito diferentes**. No entanto, todos registam retrocessos significativos na cobertura sobre DEI.

O caso de **Espanha** é bastante revelador. Mesmo **num país onde a diversidade conserva maior respaldo institucional e proteção formal**, a conversa informativa **cai cerca de 50%**. Isto sugere que o fenómeno não se pode explicar unicamente pelas decisões de um governo, uma legislação concreta, ou um ciclo eleitoral.



Estamos perante uma **corrente mais ampla, capaz de atravessar sociedades com quadros regulatórios, tradições políticas e níveis de proteção diferentes**. O recuo também penetra na atenção pública e na centralidade cultural que a diversidade ocupa dentro da sociedade.

O fenómeno também aparece noutras camadas. Nas redes sociais, a análise identifica descidas de conversa LGBTQ+ em mercados como o **Brasil, o Chile, o Panamá e Portugal**. Neste último, a conversa mensal sobre o coletivo era, em média, 66% maior durante os quatro anos anteriores ao ponto de corte analisado.

Não há um **apagão global uniforme**. Há uma resposta que se debilita por distintas vias: menos cobertura informativa nalguns mercados, menor conversa social noutros e menor pesquisa ativa de referências em vários deles. A tendência comum não é o silêncio total, mas sim uma **perda de densidade**. Fala-se menos, durante menos tempo e com menos capacidade para sustentar o contexto.

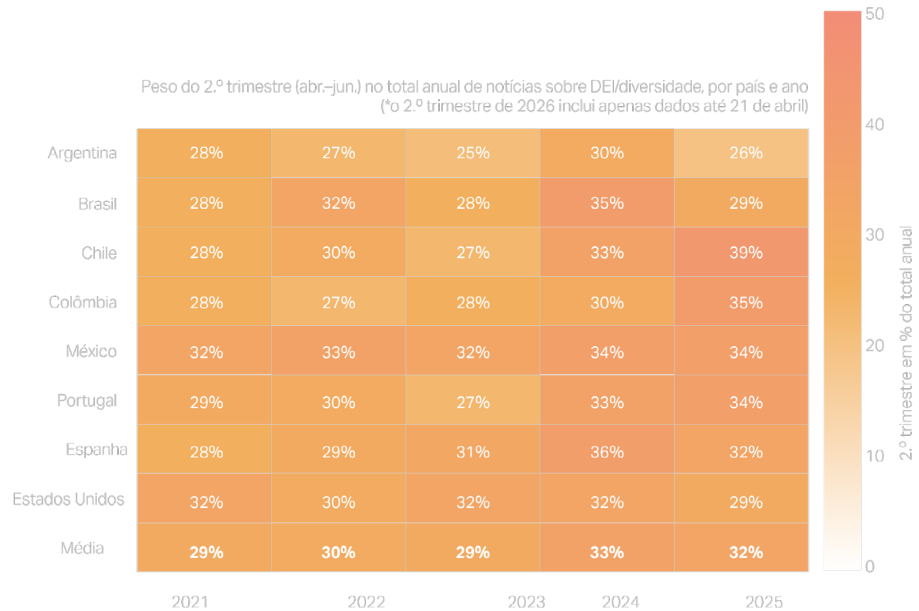
JUNHO: DE CIMEIRA ANUAL A ILHA DE VISIBILIDADE...

Nos anos de maior divulgação sobre DEI e a comunidade LGBTQ+, o trimestre do Pride representava uma proporção menor do total anual. Não porque a temporada tivesse menos relevância, mas sim porque a **conversa estava melhor distribuída durante o resto do calendário**. Agora ocorre o contrário.

Em 2023, o segundo trimestre concentrava 28,56% das publicações anuais. Em 2024, o seu peso aumentou para 32,73%. Em 2025 manteve-se num nível semelhante, com 32,29%. Não significa que o Pride ganhe visibilidade em termos absolutos, significa que se converte, cada vez mais, no **principal reduto de uma conversa anual que se debilita**.

Junho concentra uma proporção cada vez maior de uma conversa anual cada vez menor.

O Pride como ilha de visibilidade.
Peso do segundo trimestre sobre o total anual de publicações DEI/LGBTIQ+.



Esta nuance muda a leitura. O Pride continua a ser um momento de ativação indispensável, mas a sua **capacidade para mobilizar a conversa não se deve confundir com a saúde do ecossistema que o rodeia**. Um pico pode continuar a ser visível enquanto o solo que o sustenta se desgasta.

A comunidade e as suas organizações continuam a trabalhar, a mobilizar-se e a gerar conversa durante todo o ano. A sazonalidade não está no seu compromisso. Está na atenção que recebem, nos espaços que lhes são concedidos e na frequência com que outros atores decidem acompanhá-los.

Nesse sentido, o Pride fica como um dos poucos momentos em que essa conversa ainda resulta inevitável para o conjunto da sociedade.

O DESINTERESSE CULTURAL E A CENSURA ALGORÍTMICA...

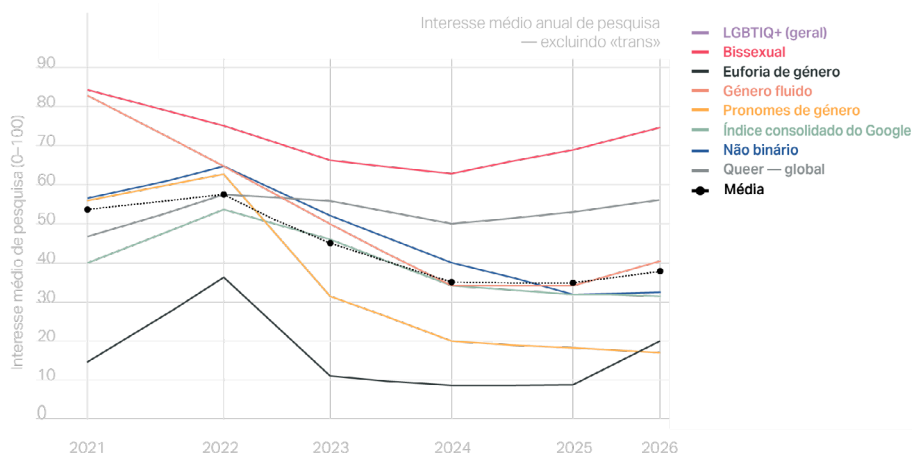
A perda de densidade aparece igualmente na pesquisa ativa de referências. O **Google regista menos de metade das pesquisas associadas à diversidade e à comunidade LGBTQ+ em junho de 2025 face aos três anos anteriores.**

Esta invisibilização também é forçada. Tal como assinala a GLAAD (2026 ³), as redes sociais contribuem ativamente para este *ghosting* através da **supressão desproporcional de conteúdos, ao bloquearem silenciosamente termos e hashtags fundamentais da comunidade** (como #trans ou #lésbica) nas suas funções de pesquisa e descoberta. Quando o utilizador deixa de perguntar e a plataforma deixa de mostrar, **o cerco do silêncio fecha-se por completo.**

³ GLAAD. (2026). Social Media Safety Index (SMSI)
<https://glaad.org/smsi/2026/key-findings-and-recommendations/>

Identities que a cultura deixa de pesquisar.

Evolução de pesquisas associadas a LGBTQI+, diversidade e termos identitários específicos.



Além disso, o padrão repete-se em termos como "género fluído", "queer", "pronomes de género" ou "disforia de género", que nalguns casos caem até representar um terço do interesse registado em 2022.

Pesquisar uma palavra, uma identidade ou uma experiência é uma forma de aproximação. Supõe pedir contexto, **ampliar a linguagem disponível e tratar de compreender uma realidade que ainda possa ser desconhecida.**

Por isso, a quebra das pesquisas não se deve interpretar apenas como menor interesse. Também pode assinalar uma **perda de curiosidade cultural num momento em que a conversa necessita de mais precisão e de mais nuances.**

A invisibilização nem sempre começa com uma proibição. Também pode começar quando uma sociedade **deixa de pesquisar as palavras que lhe permitem compreender.**

Este capítulo não mostra uma comunidade que tenha deixado de falar, de se organizar ou de reclamar o seu lugar. Mostra **um ambiente que responde com menos frequência, oferece menos contexto e concentra a sua atenção em janelas cada vez mais estreitas.**

Esta é a primeira dimensão do Rainbow Ghosting: não o desaparecimento da diversidade, mas sim o **recuo de parte do sistema de sinais que contribuía para a reconhecer publicamente.** O Pride continua a mobilizar atenção, recursos e debate. Mas começa a fazê-lo num ecossistema mais fraco, mais polarizado e com menos continuidade do que há apenas alguns anos.

O risco é precisamente esse: que **junho deixe de ser o ponto culminante de uma conversa sustentada e se converta no último momento em que o meio envolvente sente a obrigação de responder.**

A pergunta, então, não é o que faz o coletivo para se manter visível. A pergunta é o que está a acontecer com as vozes que antes contribuía para sustentar o seu reconhecimento. **Quem está a responder menos e o que muda quando o faz?**

CAPÍTULO 2

AS VOZES QUE RESPONDEM MENOS.

Em determinados mercados e setores, a resposta aponta para marcas, organizações e instituições que durante anos ajudaram a amplificar a conversa sobre a diversidade. Hoje, **parte desse apoio firme transforma-se em cautela e alguns compromissos públicos perdem visibilidade.**

Estes atores competiram para liderar o arco-íris da diversidade. Agora, as bandeiras perdem presença, as políticas são revistas e a exposição pública torna-se mais desconfortável.

Não são todas as vozes que se retiram, nem todas o fazem do mesmo modo. Mas quando aqueles que têm capacidade de amplificação respondem menos, também **muda o equilíbrio da conversa.** O silêncio também comunica. O espaço público não fica vazio, porque enquanto umas vozes decidem como responder, outras continuam a escrever.

RAINBOW WASHING DE IDA E VOLTA...

O ambiente no qual as **marcas expressam os seus compromissos com a diversidade tornou-se mais complexo**; a mesma velocidade com que todas as empresas quiseram subir para o carro alegórico LGBTQI+ é, hoje, a pressa com que descem dele.

A polarização **política**, a pressão **digital** e o risco de **boicotes** aumentaram a exposição associada a determinadas posições públicas, o que levou algumas empresas a rever como comunicam e articulam as suas políticas de inclusão.

Nos EUA, as **ordens executivas aprovadas em 2025 modificaram o quadro institucional e regulatório** em torno das políticas DEI. Este novo contexto levou muitas organizações a **rever a linguagem, o alcance e a forma de comunicar os seus compromissos**, de modo a procurar manter a sua coerência com um ambiente legal, político e reputacional mais complexo.

A mudança reflete uma etapa de maior cautela, na qual as iniciativas vinculadas à diversidade requerem uma leitura mais precisa dos riscos, das expectativas dos grupos de interesse e das particularidades de cada setor.

- **Target:** travou a fundo várias das suas iniciativas-chave de equidade após receber pressões e críticas de distintos setores.
- **Legó:** preferiu não arriscar e eliminou termos como "LGBTIQ+" ou "diversidade e inclusão" do seu último relatório de sustentabilidade.⁴

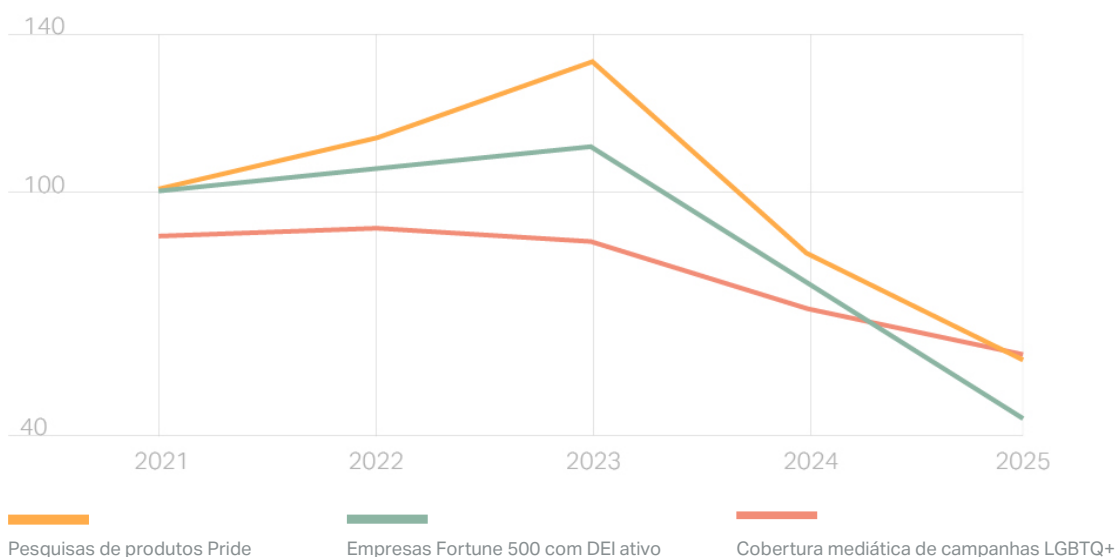
⁴ Ongig Blog. (2026, 29 de abril). DEI Rollbacks: What Companies Are Doing in 2026 <https://blog.ongig.com/diversity-and-inclusion/dei-rollbacks/>

Desde então, **algumas organizações optaram por reduzir a sua exposição, reformular as suas mensagens ou rever determinados compromissos públicos.** Os dados refletem esta evolução: as empresas do índice **Fortune 500** que mantêm políticas de diversidade ativas **representam hoje, aproximadamente, dois terços das registadas em 2023.**

As empresas *Fortune 500* com políticas DEI ativas representam hoje **cerca de dois terços das registadas em 2023.**

Invisibilização corporativa: do apoio visível à cautela corporativa.

Evolução das políticas DEI ativas e da visibilidade vinculada ao Pride em empresas Fortune 500 entre 2021 e 2025.



Algumas marcas como a Walmart, a Ford ou a Toyota reenquadraram ou modificaram algumas das suas políticas e sinais públicos de inclusão. Estes movimentos podem incluir **ajustes regulatórios, mudanças de denominação, revisão de objetivos, menor exposição pública, ou a integração das iniciativas em quadros corporativos mais amplos.**

Nem toda a reformulação implica uma retirada do compromisso. Mas quando uma política deixa de ser visível ou reconhecível, o sinal público que o ambiente recebe também muda.

O compromisso pode manter-se e, ao mesmo tempo, tornar-se menos visível.
A pergunta é o que interpreta o ambiente quando o sinal muda.

O recuo de alguns sinais corporativos coincide com uma contração mais ampla da conversa pública. Por exemplo, na rede social X, o volume de mensagens sobre a comunidade LGBTIQ+ passou de **26 milhões em 2023 para 12,7 milhões no último período analisado**.

Não podemos concluir que um fenómeno provoque diretamente o outro. Mas ambos modificam o mesmo ecossistema: **há menos vozes a participar e menos sinais públicos capazes de aportar contexto e equilíbrio**.

A redução do volume, além disso, não implica uma diminuição da hostilidade. Pode ocorrer o contrário: que a conversa se torne mais pequena enquanto as vozes mais polarizadas ganham peso dentro dela.

A conversa pública global na plataforma X reflete este abandono institucional: o volume de mensagens sobre o coletivo caiu de 26 milhões em 2023 para 12,7 milhões na atualidade.

DO EFEITO GHOSTING AO DESMANTELAMENTO...

No âmbito institucional, responder menos pode ter consequências ainda mais profundas.

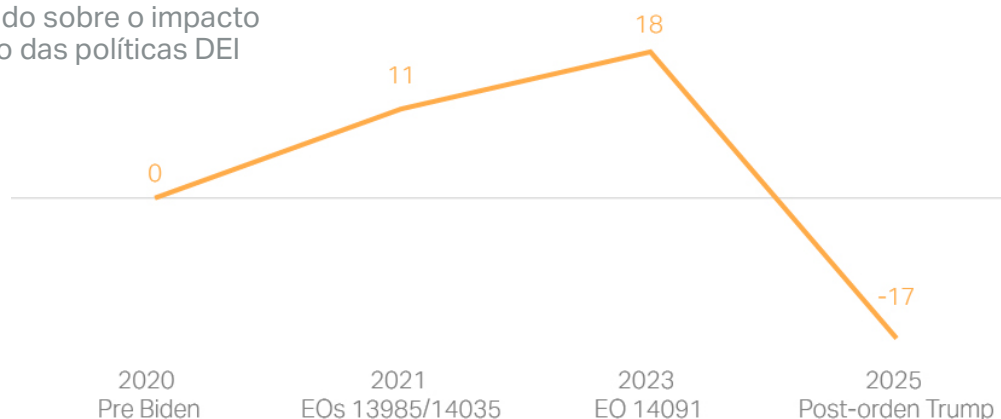
Aqui, o **recuo pode traduzir-se em mudanças regulatórias, eliminação de departamentos, na suspensão ou cancelamento de programas, redução de orçamentos ou desarticulação de estruturas criadas para prevenir a discriminação e sustentar direitos**.

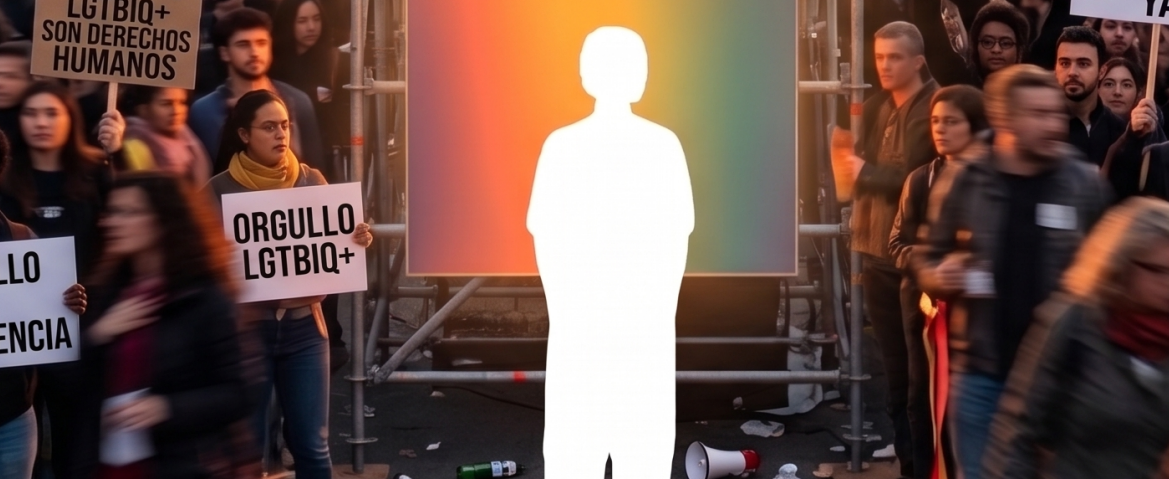
Os EUA oferecem um dos casos mais visíveis: entre 2021 e 2025, o indicador utilizado para avaliar as políticas federais de inclusão **passou de um cenário de institucionalização e expansão para outro marcado por redução, encerramento e desmantelamento**.

Segundo a análise, o saldo líquido destas políticas passou de **+18 em 2023 para -17 no início de 2025**. Uma única ordem executiva presidencial **eliminou departamentos, orçamentos e formações DEI no emprego federal**.

De institucionalizar a dismantelar.

Evolução do score líquido sobre o impacto construtivo ou restritivo das políticas DEI nos Estados Unidos.





UM EFEITO DOMINÓ QUE JÁ É GLOBAL...

Este travão repete-se em muitos países que giraram politicamente na última década:

- **Argentina:** o governo eliminou o INADI (o instituto contra a discriminação), cortou quase **90%** do orçamento em políticas de género e limitou por decreto o acesso à saúde para jovens trans.
- **Perú:** o governo peruano modificou o Plano Essencial de Seguros de Saúde (PEAS) para incluir explicitamente o "transgenerismo" e a "perturbação da identidade de género na infância" sob a categoria de doenças ou perturbações mentais (Glatsky e Taj, 2024)⁵.

Na Europa, o Rainbow Europe Map, indicador de referência da organização ILGA-Europe que mede de 0% a 100% o cumprimento de direitos LGBTIQ+, mostra os seguintes dados:

- **Reino Unido:** após as mudanças nas políticas de autodeterminação de género, as restrições médicas derivadas do Relatório Cass e o bloqueio à lei trans da Escócia, a sua pontuação **caiu acentuadamente até rondar os 52-53%**, ao perder quase 30% do seu valor institucional em poucos anos, ficando abaixo do 15.º lugar na Europa.
- **Hungria:** o país permanece na parte baixa do *ranking* europeu de direitos LGBTIQ+ (apenas 30% de pontuação) ⁶, depois de anos de restrições legais e políticas que **limitaram a liberdade de expressão ou travaram avanços no reconhecimento e proteção**. No entanto, a **chegada de Péter Magyar ao governo inaugura uma nova etapa política, marcada por uma maior orientação europeia e pela promessa de recuperar padrões democráticos**. A mudança abre uma janela de oportunidade, embora ainda seja cedo para determinar se haverá uma revisão efetiva das medidas que enfraqueceram os direitos do coletivo.
- **Espanha:** embora mantenha uma **posição destacada na Europa em matéria de direitos LGBTIQ+**, a viragem para ciclos políticos mais conservadores reabriu debates sobre proteções que pareciam consolidadas⁷. As revisões normativas promovidas nalguns territórios mostram que o avanço legal nem sempre garante uma evolução linear nem irreversível.

O que significa isto em dados? O conceito de identidade de género foi eliminado das escolas, suprimiram-se os artigos que penalizavam a discriminação nos livros de texto e voltou-se a exigir a supervisão médica/psicológica obrigatória para os menores trans.

⁵ Glatsky, G., y Taj, M. (2024, 26 de mayo). Perú clasifica a las personas trans como enfermos mentales. The New York Times. <https://www.nytimes.com/es/2024/05/26/espanol/peru-transgenero-salud-mental-trans.html>

⁶ ILGA-Europe. (2025). Rainbow Europe Map and Index 2025: Human rights situation of LGBTI people in Europe. ILGA-Europe. <https://www.ilga-europe.org/rainbow-europe/>

⁷ Comunidad de Madrid. (2023). Ley 17/2023, de 27 de diciembre, de Simplificación y Mejora de la Eficacia de Instituciones y Organismos de la Comunidad de Madrid. Boletín Oficial de la Comunidad de Madrid (BOCM), (308). https://www.boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-2024-10767

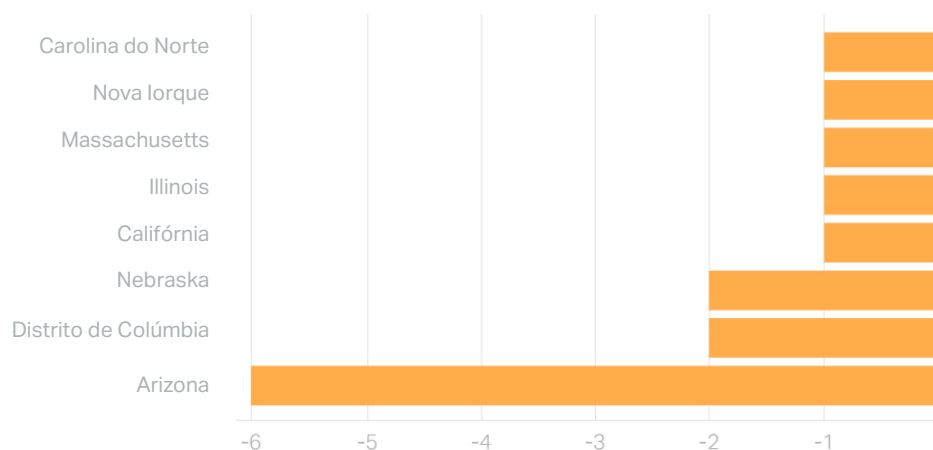
Esta viragem alcançou também o **sistema educativo**. No último ano, identificaram-se onze modificações de políticas DEI em universidades e instituições académicas norte-americanas. Cerca de 45% correspondeu a encerramentos ou cancelamentos explícitos e 40% a enfraquecimentos, revisões ou reenquadramentos.

No Arizona, o **sistema universitário modificou dez políticas e várias universidades públicas retiraram linguagem, páginas web ou estruturas DEI** em resposta ao novo ambiente federal e estadual.

Na Carolina do Norte, o recuo adquiriu uma dimensão estrutural: o sistema UNC **eliminou 59 postos de trabalho, realinhou outros 131 e redirecionou mais de 17 milhões de dólares nas suas 17 instituições**. Não foi uma soma de decisões isoladas, mas sim uma transformação aplicada ao conjunto do sistema universitário.

Quando o recuo entra no campus.

Modificações de políticas DEI em universidades e instituições académicas dos Estados Unidos, segundo o seu nível de encerramento, enfraquecimento ou revisão.



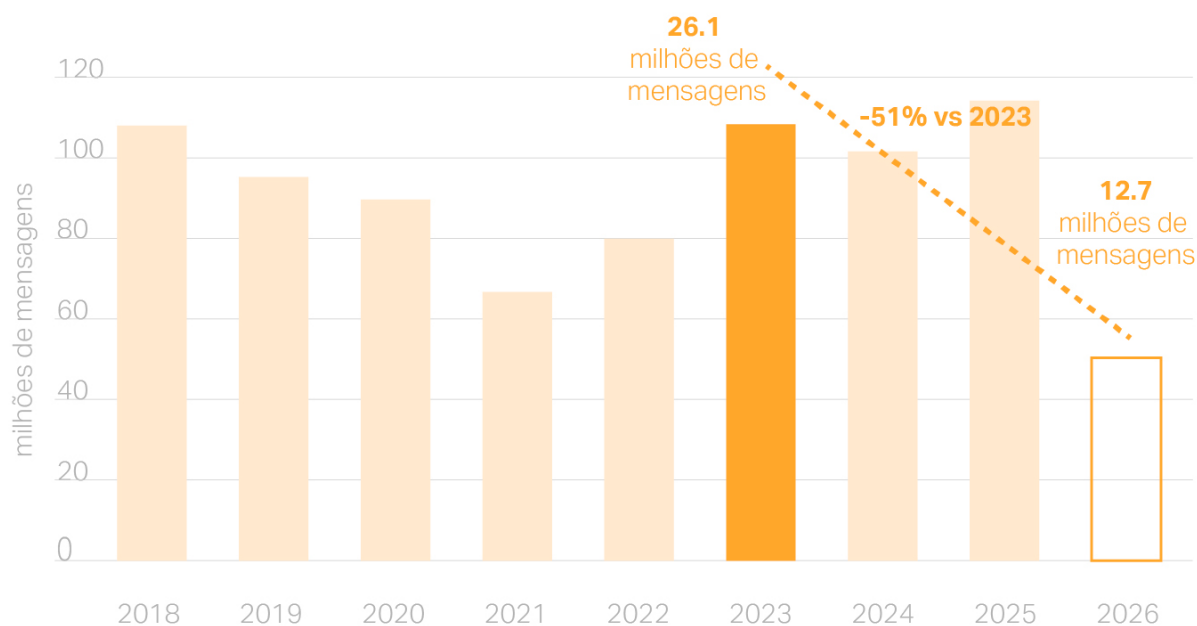
Nas instituições académicas norte-americanas analisadas, 85% das modificações recentes correspondem a **encerramentos, cancelamentos, enfraquecimentos ou revisões de políticas DEI**.

A Argentina representa um dos casos semelhantes dentro da América Latina. Desde dezembro de 2023, o país registou uma **desarticulação significativa da sua arquitetura institucional vinculada ao género e à diversidade**.

Entre as medidas documentadas encontram-se a **proibição do linguagem inclusiva na administração pública**, a eliminação do **Ministério das Mulheres, Géneros e Diversidade**, o **encerramento do Instituto Nacional contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo** e uma redução próxima de 90% no orçamento geral destinado a políticas de género. Também se registaram cortes em programas de proteção e atendimento, com uma diminuição de 64% na Linha 144.

Quando o recuo alcança a estrutura:

queda da pontuação líquida sobre o impacto construtivo das iniciativas políticas.



O QUE MUDA QUANDO RESPONDEM MENOS...

A evidência analisada não permite afirmar que a redução de sinais corporativos e institucionais provoque diretamente um aumento da hostilidade. Mas identifica uma **mudança nas condições da conversa**.

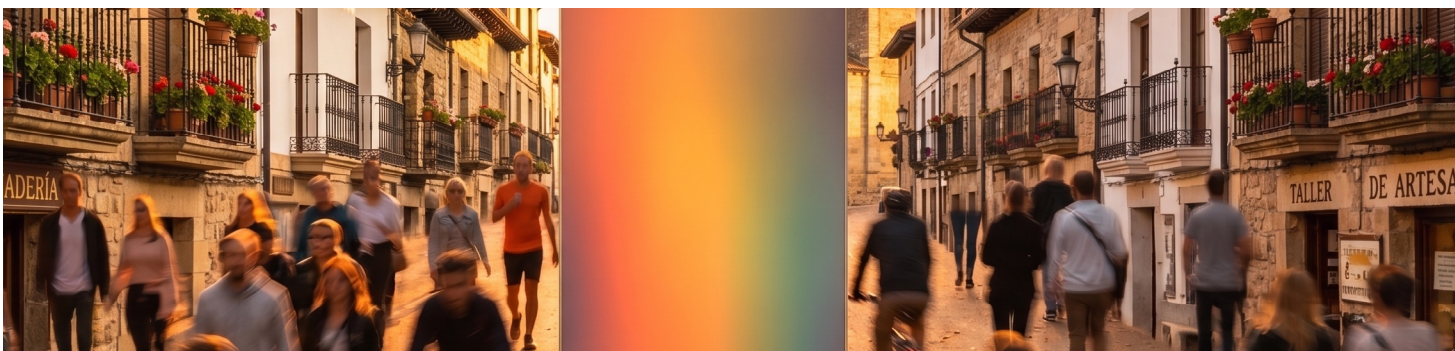
As empresas têm uma responsabilidade perante os seus acionistas e com a sustentabilidade do seu negócio. Ao mesmo tempo, desempenham uma função social: criam emprego, influenciam as condições de vida das pessoas, constroem cultura e têm capacidade para **incorporar temas, valores e referentes na agenda pública**.

Esse recuo também pode impactar a própria empresa. A cautela pode reduzir a exposição no curto prazo, mas um sinal menos claro pode **enfraquecer a confiança, a coerência cultural e a relação com audiências que esperam continuidade**. Por outras palavras, a mudança transforma o espaço reputacional e de negócio no qual as marcas operam.

Quando diminui a presença de atores com capacidade para aportar contexto, legitimidade e continuidade, o **espaço público perde parte dos seus contrapesos** e fica mais disponível para que outras vozes estabeleçam os termos do debate.

Essa transformação é relevante porque as narrativas mais polarizadas não precisam de ocupar todo o espaço para ganhar influência. Basta-lhes **encontrar menos resistência, menos referências alternativas e menos vozes capazes de sustentar uma interpretação diferente.**

A questão não é, portanto, se uma marca publica ou não durante o Pride. Nem sequer se cada instituição mantém o mesmo vocabulário, estrutura ou programa que utilizava há três anos. O importante é o **que acontece quando o conjunto de sinais que contribuía para normalizar a pertença começa a perder densidade.**



A redução dos sinais inclusivos não cria o vazio. Mas pode fazer com que **a conversa perca parte dos seus contrapesos.**

Aqui é onde o **Rainbow Ghosting** adquire uma nova dimensão. Neste capítulo identificamos parte das decisões corporativas e institucionais que contribuem para que essa resposta se torne menos visível, mais cauta ou mais difícil de reconhecer.

O passo seguinte é olhar para o **que acontece com o espaço que fica disponível.** Enquanto algumas vozes revêem, reduzem ou retiram a sua resposta, outras não deixaram de escrever...

CAPÍTULO 3

O ÓDIO ESTÁ A ESCREVER...

O ecossistema digital abomina o vazio. E a verdade é que, quando marcas, meios de comunicação e instituições decidem recuar e diluir as suas mensagens sobre diversidade e inclusão, o **debate público não entra numa trégua nem se congela**. A praça pública não fica deserta; simplesmente muda de dono. A conversa permanece aberta, mas as vozes que entram para governar substituíram o acompanhamento responsável por uma **agenda de hostilidade ativa**.

Compreendido o declínio da conversa pública, torna-se fundamental observar o **que acontece com o espaço que fica livre**. Esse vazio não permanece estático, mas sim coincide no tempo com o avanço e a sofisticação de discursos de hostilidade e intolerância a nível global.

As **correntes de polarização respondem a dinâmicas sociopolíticas muito mais profundas, complexas e organizadas**, que avançariam independentemente da postura empresarial.

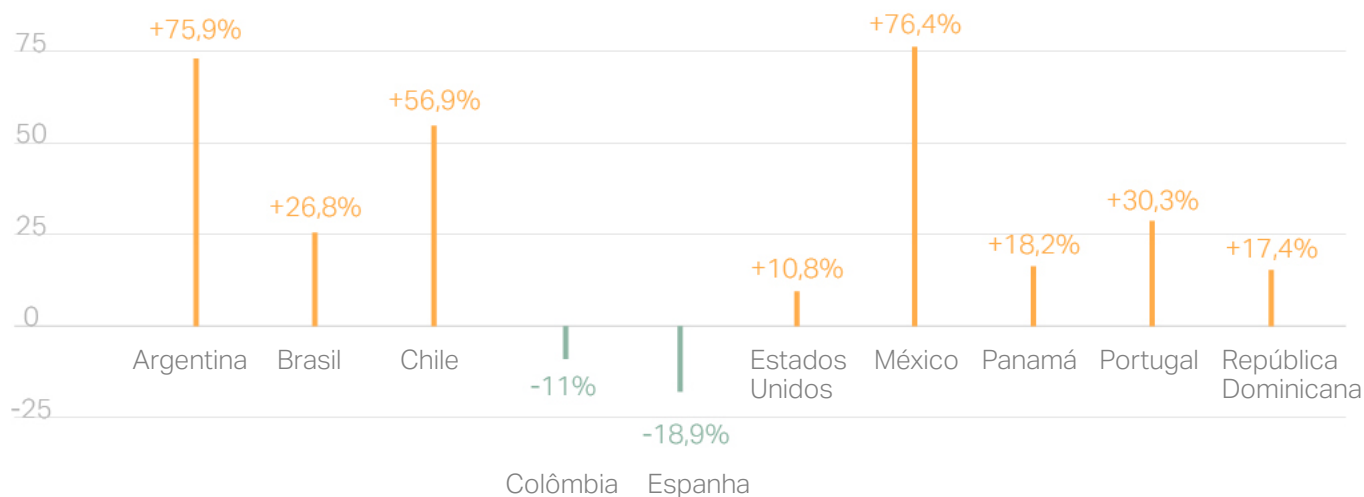
No entanto, ao dar um passo atrás, o **ecossistema institucional retira os seus contrapesos narrativos. A consequência não é que o silêncio corporativo originar o ódio, mas sim ceder o terreno da normalidade**, o que permite que as vozes mais extremas operem sem fricção, ganhem volume e redefinam o senso comum sem encontrar resistência.

Os dados mostram que, na atualidade, **três em cada cinco mensagens sobre o coletivo LGBTQ+ nas redes sociais constituem um ataque direto**. Além disso, desde o final de 2022, o discurso de ódio para com a comunidade aumentou em **8 em cada 10 países analisados, com um alarmante crescimento médio de 38% face aos quatro anos anteriores**.

O ódio ocupa o espaço livre:

evolução do peso de conteúdo violento para com o coletivo LGBTQ+.

— Diminui o peso violento.
— Aumenta o peso violento.



O vazio deixado pelas vozes responsáveis está a ser ocupado por uma hostilidade que cresce e se normaliza.

A MUTAÇÃO DO ARGUMENTO: DA AGRESSÃO DIRETA À CARTADA PROTETORA...

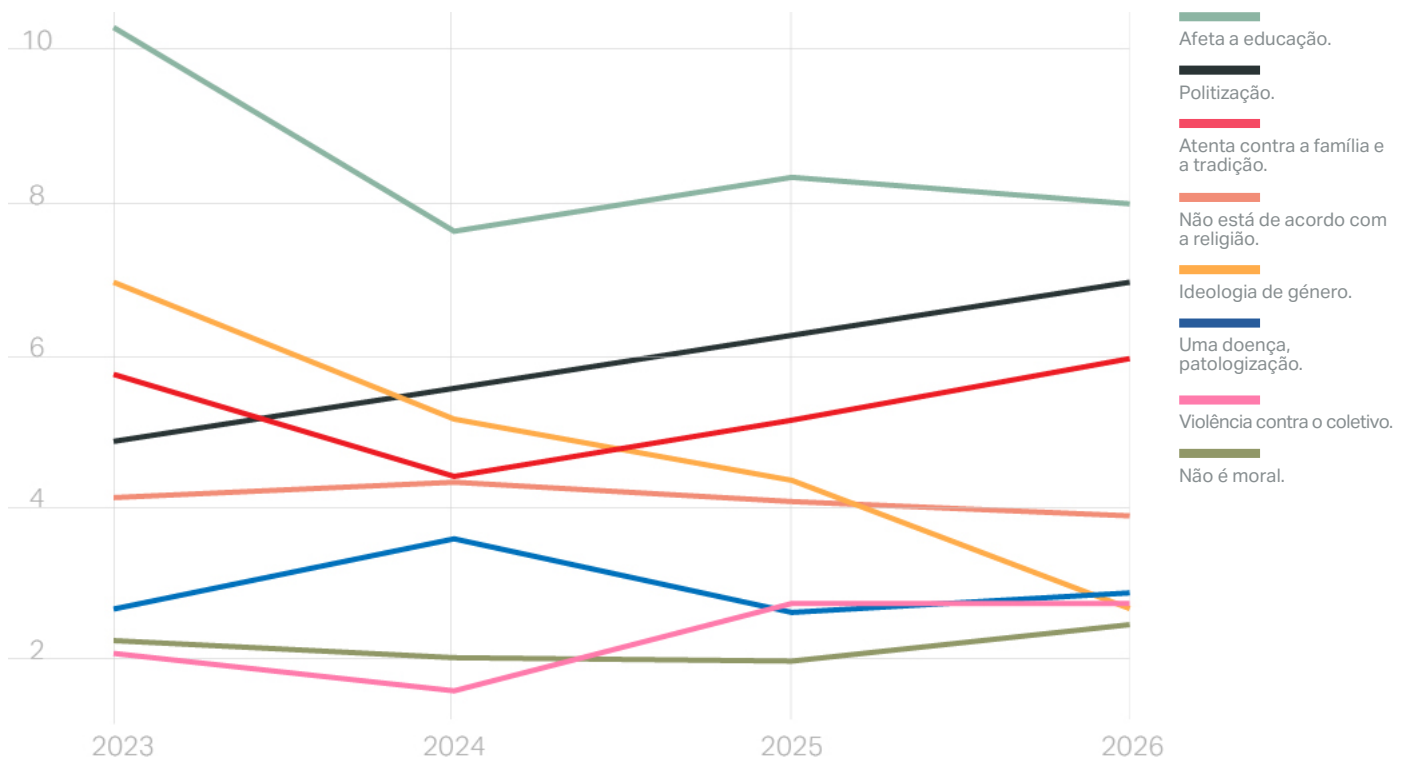
Na rede social X, a conversa global sobre a comunidade LGBTQIQ+ **passou de 26,1 milhões de mensagens em 2023 para 12,7 milhões no período mais recente analisado**. No entanto, uma conversa mais reduzida não é necessariamente uma conversa menos hostil.

Em oito dos dez países analisados, o discurso de ódio aumentou, registando um **crescimento médio de 38% face aos quatro anos anteriores à data de corte**. O resultado é um ecossistema em que as vozes hostis ganham maior peso relativo. A conversa contrai-se. A hostilidade, não.

Para entender tanto de onde se origina como para onde evolui o discurso hostil, devemos olhar detalhadamente para os argumentos por trás da violência discursiva. Uma análise detalhada revela-nos descobertas essenciais sobre a **mutação desta violência**, agora **disfarçada de preocupação legítima, humor, defesa, valores morais, debate político ou, de forma perversa, a proteção de terceiros**.

A viragem da conversa:

Como a acusação generalista de "Ideologia de Género" perde força para ceder espaço a ataques cirúrgicos centrados na politização e na suposta ameaça à educação e à família.



Um dos quadros mais recorrentes da conversa hostil é a proteção da infância. Cerca de 19,1% dos ataques analisados vinculam o coletivo LGBTIQ+ a um impacto negativo sobre a educação. Dentro desse território, **sete em cada dez mensagens centram o seu argumento em crianças e jovens**. O padrão estende-se à **família e à tradição, que representam 12,6% das acusações identificadas**. Além disso, uma em cada 20 mensagens têm como alvo o coletivo inclui alguma referência familiar.

A descoberta também revela como muda a linguagem da exclusão: A rejeição raramente se apresenta como tal. Com maior frequência, articula-se a partir de **códigos de cuidado, proteção ou responsabilidade para com terceiros**. Assim, a infância deixa de ser uma audiência a proteger e converte-se num **território a partir do qual se disputa a legitimidade das identidades LGBTIQ+**. A hostilidade ganha capacidade de circulação quando não fala em nome do ódio, mas sim em nome daquilo que afirma defender.

Este fenómeno não ocorre no vazio, mas sim responde a um **reordenamento político e cultural profundo a nível global**. Não enfrentamos um simples efeito pendular em direção à centro-direita tradicional, uma corrente que, em boa parte das democracias ocidentais, mantém um consenso consolidado sobre os direitos civis do coletivo LGBTIQ+.

Um dos fatores que ajudam a explicar este deslocamento é a **crescente centralidade política de discursos** que questionam as políticas de diversidade e voltam a situar **determinados modelos tradicionais no centro do debate público**.

Em distintos países europeus, a consolidação de forças conservadoras e de direita radical, tanto em governos como em parlamentos, ampliou a sua capacidade para **condicionar agendas, coligações e posições dos partidos tradicionais**. O efeito não é uniforme, mas é observável: ideias que até há poucos anos permaneciam nas margens encontram hoje **maior legitimidade e espaço de circulação**.



Na **América Latina**, estas narrativas adotam uma forma própria. O **componente religioso continua presente**, mas parte do discurso expressa-se cada vez mais através de quadros seculares: liberdade individual, rejeição de supostas imposições ideológicas, proteção da infância, educação e defesa da família.

Esta evolução amplia a sua capacidade para conectar com públicos que não se reconhecem necessariamente num argumento confessional. A diversidade deixa de ser questionada unicamente a partir de uma **moral religiosa e passa a apresentar-se como uma controvérsia política, cultural ou institucional**.

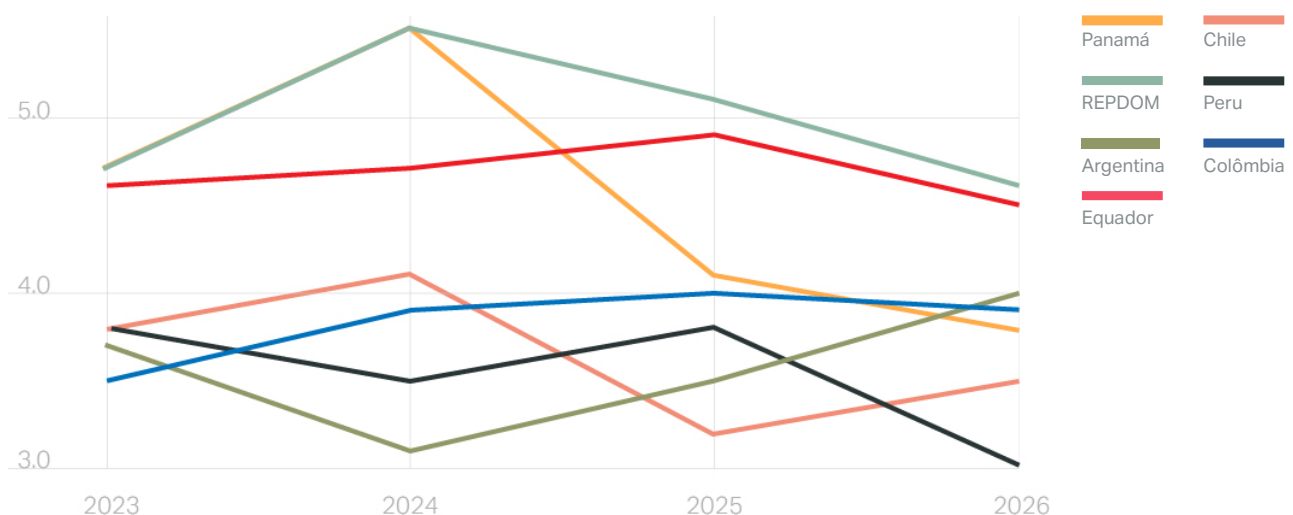
A hostilidade ganha terreno quando deixa de falar em nome do ódio e passa a falar em nome daquilo que afirma defender.

A articulação concreta varia segundo cada país. Na **Argentina**, o debate vinculou-se à revisão da despesa pública, às estruturas institucionais e às políticas de género. No **Chile**, concentrou-se especialmente na **educação, família e direitos civis**. No **Brasil**, a influência de **coligações parlamentares e religiosas mantém estes temas no centro de uma conversa profundamente polarizada**.

Não se trata de atribuir a mudança a uma única força política nem de considerar equivalentes todos estes contextos. A descoberta relevante é outra: os **quadros contrários à inclusão ganharam capacidade para se apresentarem como posições legítimas, transversais e socialmente defensáveis**. E quando as vozes inclusivas perdem continuidade, **estes relatos encontram mais espaço para definir os termos da conversa**.

Mais do que uma sincronia perfeita, o que observamos hoje é um **ciclo de retroalimentação entre o discurso político institucional e o debate na rua**. Ambos os ecossistemas adotaram uma mesma tática de sofisticação retórica: o reenquadramento.

O dogma como desculpa estrutural:
a estabilidade sistémica do argumento religioso contra o coletivo na América Latina.



O ÓDIO MUDA DE ESCALA: DA PATOLOGIZAÇÃO DIGITAL À AMPLIFICAÇÃO INSTITUCIONAL...

Assim que a hostilidade alcança a normalização no debate público, o **ecossistema digital abre a porta a narrativas que julgávamos superadas**. O coletivo deixa de ser enquadrado unicamente como um adversário numa batalha cultural para voltar a ser **estigmatizado sob quadros arcaicos e desumanizadores**: como uma anomalia clínica, uma condição contagiosa ou um perigo social.

Para dimensionar a gravidade deste retrocesso, é necessário olhar para o calendário. Passaram mais de três décadas desde que, a **17 de maio de 1990**, a Organização Mundial da Saúde **eliminou a homossexualidade da sua Classificação Internacional de Doenças**, um consenso científico que se completou em **2018 com a despatologização das identidades trans**.

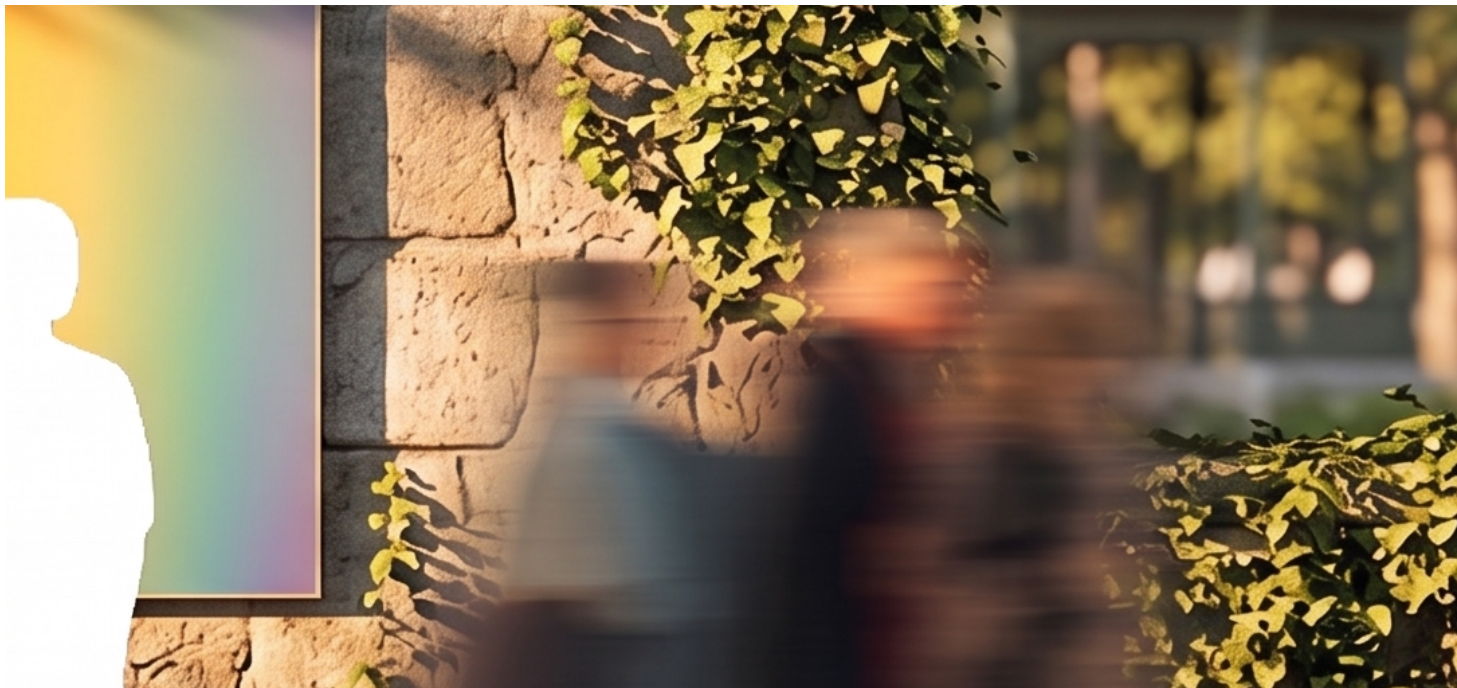
O que presenciamos hoje nas plataformas digitais e fóruns não é a abertura de um novo debate, mas sim um revisionismo histórico agressivo. Ao encontrar um vazio de respostas institucionais, a **desinformação volta a tratar como patologia o que a ciência e a medicina resolveram há uma geração**.

Os dados demonstram-no: **uma em cada 16 mensagens de ataque patologizam o coletivo, ao tratá-lo como uma doença ou perturbação**. Destas, cerca de **38% exigem abertamente terapias de conversão** ou tratamentos psiquiátricos. Da mesma forma, 9% dos ataques recorrem a associações com a depravação ou a imoralidade, com a vinculação dos membros da comunidade à pedofilia ou pederastia em mais de metade dessas menções.

Além disso, o perigo destas narrativas escalou radicalmente. Já não enfrentamos um problema de difusão nas redes sociais protagonizado por perfis radicalizados com poucos seguidores (onde é natural que um utilizador anónimo que publica dezenas de publicações diárias consiga distorcer os volumes da conversa). O ponto de rutura crítico é ver **líderes mundiais a legitimar esta violência a partir do mais alto cargo institucional**.

A exclusão já não circula unicamente como ataque frontal: **aprende a apresentar-se como preocupação pela infância ou defesa da tradição**.





Esta perda de resposta pública inclusiva não é um assunto meramente simbólico ou digital. **O ecossistema discursivo tem consequências físicas e imediatas. A incitação à violência explícita representa 6% dos ataques, e quase metade destes (45%) alude diretamente a agressões físicas ou à morte.** E esta incitação tem impacto direto na vida real do coletivo.

Em Espanha, por exemplo, **até 54% das pessoas LGBTIQ+ declaram ter sido vítimas de um incidente de ódio**, seja no plano físico ou no virtual. A evolução confirma que não se trata apenas de uma perceção: entre 2024 e 2026, a prevalência do assédio aumentou de 20% para 36%; a discriminação, de 23% para 29%; e as agressões, de 7% para 22% (FELGTBI+, 2026) ⁸.

Este dado fala de um deterioramento especialmente visível nas expressões mais diretas do ódio. Em apenas dois anos, o **assédio cresceu 16 pontos percentuais e as agressões triplicaram.**

Deixar o Orgulho sem resposta provoca um retrocesso. Quando as narrativas inclusivas recuam, a conversa passa a ser dominada por quem codificou a intolerância. E esse discurso hostil normalizado é o que acaba por lançar as bases para o retrocesso, com manifestações em consequências diretas e tangíveis que afetam de forma direta o coletivo.

Quando as narrativas inclusivas recuam,
a conversa passa a ser dominada por quem
codificou a intolerância.

⁸ Federación Estatal de Lesbianas, Gais, Trans, Bisexuales, Intersexuales y más [FELGTBI+]. (2026). Estado del odio. Estado LGBTI+ 2026. Madrid: FELGTBI+. Recuperado de: <https://felgtbi.org/wp-content/uploads/2026/04/Estado-del-Odio-2026-1.pdf>

CAPÍTULO 4

QUANDO A PERTENÇA SE TORNA MAIS FRÁGIL.

Uma conversa hostil pode parecer intangível até observarmos onde termina: numa **proteção que desaparece, numa agressão, numa prática que tenta corrigir uma identidade ou numa vida que deve calcular permanentemente onde se pode mostrar com liberdade.**

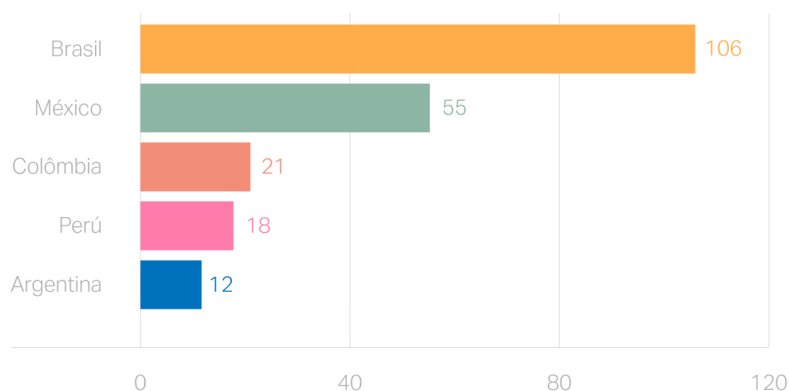
Não existe uma relação automática entre uma mensagem hostil, uma decisão política e uma agressão física. Esta análise não pretende afirmar que o discurso digital cause diretamente a perda de direitos ou a violência. Mas essas dimensões também não ocorrem em universos separados. **Convivem dentro de um mesmo clima social, capaz de alargar ou estreitar as condições para pertencer.**

Os sinais públicos de reconhecimento importam porque **fazem parte do ambiente no qual uma pessoa interpreta se a sua identidade** está protegida, questionada ou exposta.

A VIOLÊNCIA TEM UM CENTRO DE GRAVIDADE...

Segundo o Gabinete em Washington para Assuntos Latino-Americanos (WOLA, 2025)⁹, a América Latina concentra **73% dos assassinatos documentados de pessoas trans no mundo**. A esperança média de vida estimada de uma pessoa trans na região é de **35 anos**.

O Brasil e o México surgem de forma sistemática entre os países com maior número de casos. No Brasil, cerca de **80% dos assassinatos documentados apresentam níveis extremos de brutalidade**, como **tortura ou mutilações**. A grande maioria das vítimas são mulheres trans e **82% são pessoas afrodescendentes**.

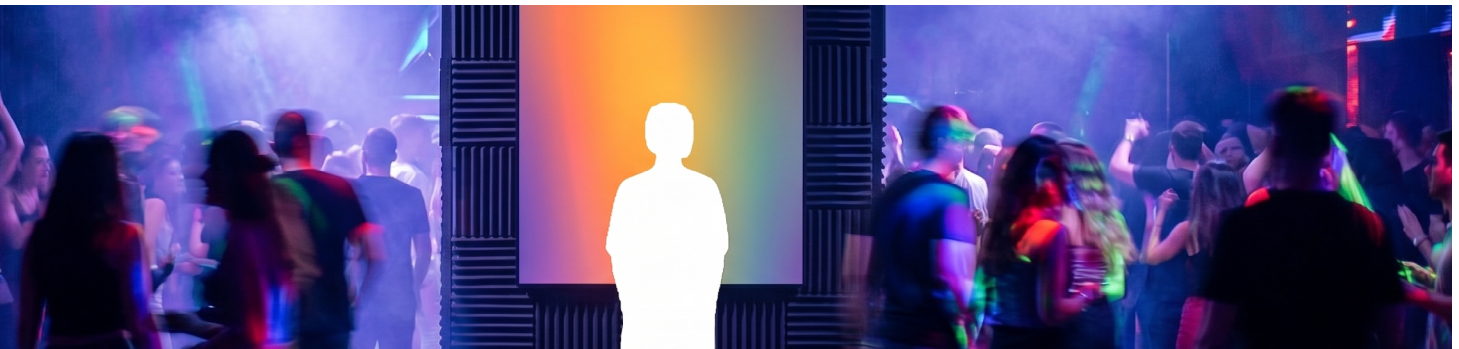


América Latina, epicentro da violência trans.
Distribuição mundial dos assassinatos documentados de pessoas trans e características das vítimas na região.

⁹ WOLA. (2025, junio). El estado de los derechos de las personas trans en las Américas: reconocimiento, contradicciones, violencia y retrocesos. Oficina en Washington para Asuntos Latinoamericanos. <https://www.wola.org/es/analysis/el-estado-de-los-derechos-de-las-personas-trans-en-las-americas-reconocimiento-contradicciones-violencia-y-retrocesos/>

O dado revela uma exposição atravessada por várias camadas de desigualdade. A identidade de género cruza-se com a racialização, a precariedade económica, a **exclusão laboral e a falta de proteção institucional**. A violência alcança com maior intensidade quem já ocupa as margens de outros sistemas sociais.

O sentimento de pertença torna-se especialmente frágil quando viver com autenticidade implica também calcular o risco. E essa fragilidade expressa-se nos espaços que se evitam, nas identidades que se ocultam, nas oportunidades que se rejeitam e na liberdade que se exerce sempre sob condições.

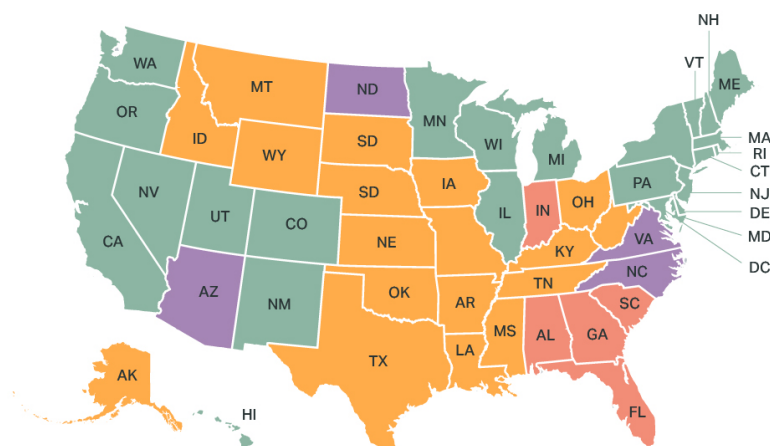


QUANDO A EXCLUSÃO SE APRESENTA COMO CUIDADO...

As **terapias de conversão** são uma das expressões mais extremas de uma ideia ainda presente: a de que determinadas **identidades devem sofrer modificações para poderem ser aceites**.

Não constituem um tratamento médico válido. Incluem práticas distintas, desde intervenções clínicas até programas religiosos, pressões familiares ou conversas coercivas destinadas a mudar a orientação sexual ou a identidade de género.

Nos Estados Unidos, **27% da população LGBTIQ+** entre os **13 e os 17 anos vive em estados sem leis que a protejam das terapias de conversão**. Outros **14% residem em estados que impedem ou dificultam a aprovação de proteções locais**.



O estado proíbe que os prestadores de cuidados de saúde licenciados submetam menores a "terapia" de conversão.
23 estados + D.C.

O estado restringe, mas não proíbe, que os prestadores de cuidados de saúde licenciados submetam menores a "terapia" de conversão.
4 estados + 1 território

Não existe nenhuma lei ou política estadual sobre a "terapia" de conversão.
18 estados + 4 territórios

A lei estadual, o orçamento ou uma sentença judicial proíbe ou desincentiva a aprovação de leis a nível local que protejam a juventude face à "terapia" de conversão.
5 estados

Cerca de **700 000 pessoas adultas** sofreram estas práticas no país: aproximadamente **350 000 durante a adolescência** e **348 000 após essa etapa** (Williams Institute, 2025) ¹⁰. A exposição associa-se a consequências graves. Entre as pessoas que passaram por terapias de conversão, a **tentativa de suicídio é 88% mais frequente, o planeamento é 75% maior e a ideação praticamente duplica a registada entre quem não foi submetido a tais práticas**.

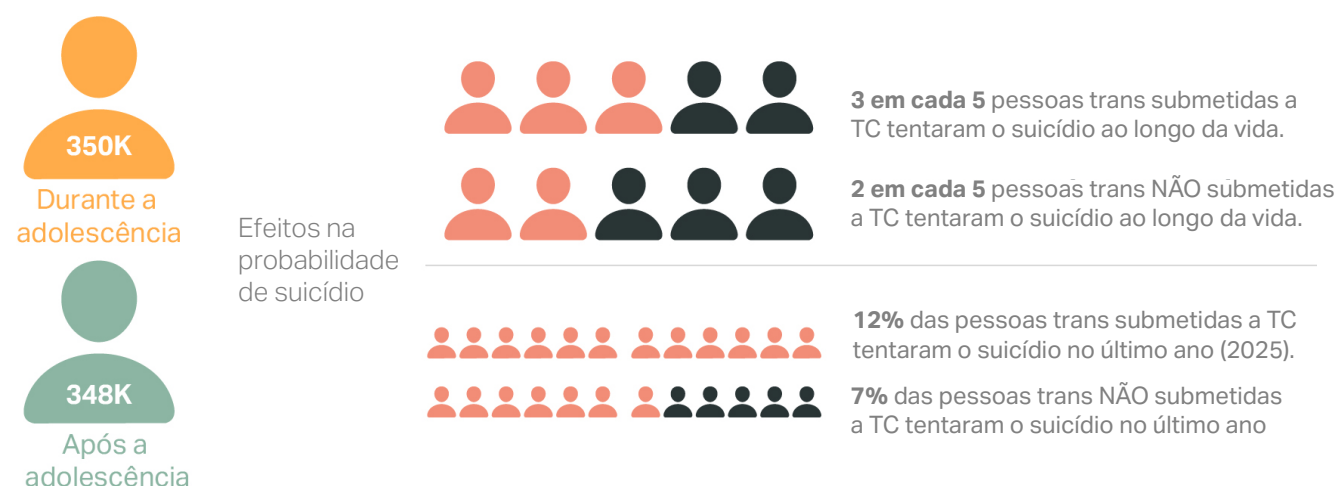
No caso das pessoas **trans, três em cada cinco** expostas a terapias de conversão tentaram atentar contra a própria vida, **face a duas em cada cinco entre quem não passou por essas experiências**.

As consequências sobre a saúde mental são imediatas. De facto, 90% dos jovens LGBTIQ+ dos Estados Unidos afirmam que as recentes leis, políticas e debates em torno dos seus direitos lhes **geraram stresse ou ansiedade de forma direta** (The Trevor Project, 2025) ¹¹.

Este clima de exclusão tem um custo vital inegável. No último ano, **36% dos jovens da comunidade consideraram seriamente o suicídio** (número que ascende a **40% entre os jovens trans e não binários**) e um em cada dez chegou a tentar.

Longe de encontrar apoio nas instituições, **44% não conseguiu aceder ao atendimento de saúde mental de que necessitava**. No caso das identidades trans e não binárias, as barreiras institucionais revelam-se ainda mais preocupantes: quem desejava aceder a tratamentos hormonais e não o pôde fazer apresentou quase o dobro das probabilidades de tentar o suicídio, em comparação com quem teve acesso aos mesmos.

A exclusão ganha legitimidade quando se formula como **preocupação, proteção ou bem-estar**. O problema não é apenas a linguagem, é o que **essa linguagem permite fazer sobre os corpos e as vidas de outras pessoas**.



A violência nem sempre se apresenta como castigo. Às vezes apresenta-se como uma promessa de cuidado condicionada a deixar de ser quem se é.

¹⁰ Williams Institute. (2025). Nearly 700,000 LGBT adults in the US have received conversion therapy, half of them as adolescents [Comunicado de prensa]. UCLA School of Law. <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/press/ct-media-alert/>

¹¹ The Trevor Project. (2025). Study shows LGBTIQ+ youth in the U.S. face high rates of suicidality and victimization, worsened by anti-LGBTIQ+ politics. Recuperado de: <https://www.thetrevorproject.org/blog/study-shows-lgbtq-youth-in-the-u-s-face-high-rates-of-suicidality-and-victimization-worsened-by-anti-lgbtq-politics/>

PERTENCER TAMBÉM DEPENDE DO LUGAR...

Os dados mostram uma geografia profundamente desigual da pertença. Nalguns mercados existem **quadros legais sólidos**, reconhecimento institucional e maior aceitação social. Noutros, a **orientação sexual ou a identidade de género continuam a condicionar o acesso à segurança, proteção e liberdade**.

Um mercado pode manter uma posição comparativamente favorável e mostrar deteriorações concretas. Outro pode conservar altos níveis de aceitação social enquanto reduz proteções. E uma mesma pessoa pode estar protegida no papel e continuar exposta a violência, exclusão ou práticas coercivas.

Por isso, os direitos não podem ser analisados unicamente como uma lista de leis aprovadas. Também devem ser observados a partir da **possibilidade efetiva de viver sem ocultação, aceder a proteção, construir vínculos, imaginar um futuro e ocupar o espaço público sem que a identidade se converta numa fonte permanente de risco**.

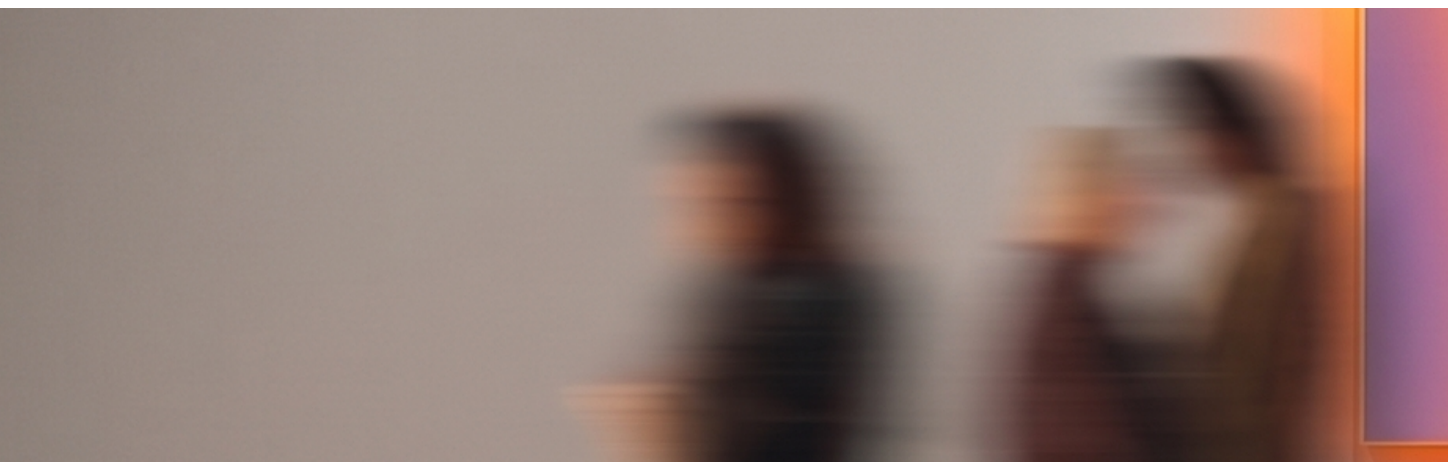
A igualdade formal não garante por si só uma pertença real.

A CONVERSA ACONTECE SOBRE VIDAS REAIS...

Os sinais públicos de pertença não substituem as leis nem evitam por si só a violência. Mas contribuem para construir o clima no qual uma sociedade decide que direitos legitima, que práticas tolera e que vidas considera dignas de proteção. Quando esses sinais enfraquecem, não desaparece automaticamente um direito. Enfraquece um dos ambientes culturais que ajuda a sustentá-lo.

Esse é o risco material do **Rainbow Ghosting**: que a retirada de respostas não se limite à conversa, mas sim coincida com um mundo onde pertencer exige cada vez mais explicações, mais resistência e mais cautela.

Porque a exclusão continua na lei que não protege, na violência que se normaliza, no cuidado que tenta corrigir e na vida que aprende a ocupar menos espaço para se manter a salvo. E quando uma sociedade estreita o reportório de vidas que protege, também estreita o reportório de vidas que consegue imaginar. Esse é o ponto a partir do qual a máquina começa a escrever...



CAPÍTULO 5

MÁQUINA TAMBÉM ESTÁ A ESCREVER...

Na nossa campanha “Miragem da Igualdade”, abordamos o perigo de dar por garantidos os direitos adquiridos e como a conversa pública opera sob uma falsa sensação de segurança, um consenso superficial que na verdade oculta fissuras profundas. Hoje, podemos dizer que **esse espelhismo ameaça também ficar cristalizado e automatizado na tecnologia que ordenará o mundo durante as próximas décadas: a Inteligência Artificial.**

Entender por que motivo é crítico abordar o papel da IA neste momento exige olhar para lá do seu uso como uma ferramenta de produtividade. Tal como constataam as análises recentes da Associação Americana de Psicologia (APA, 2026)¹², os modelos conversacionais converteram-se na nova porta de entrada para o conhecimento e, para uma parte crescente dos utilizadores, num verdadeiro refúgio para a intimidade e a ligação emocional.

Para as novas gerações, a IA opera como um primeiro espaço seguro onde colocar dúvidas, procurar referentes ou tentar compreender a sua própria identidade antes de se atreverem a fazê-lo no mundo físico. Tal como advertem organizações como a Plan International¹³ ao analisar a interação da juventude com os ambientes digitais, estas plataformas são agentes ativos na construção da autoperceção e da visão do mundo. Se um adolescente recorre à IA para entender quem é, a resposta que receber será determinante.

E aqui reside o perigo de deixar a conversa “em visto” e sem resposta: a IA não inventa os quadros culturais a partir dos quais responde. **Captura-os na rede, aprende-os e reproduz-os.**

Se o ecossistema público e institucional deixa de gerar narrativas positivas, diversas e complexas sobre o coletivo LGBTQI+, e esse vazio passa a ser ocupado pelo revisionismo e pela hostilidade, a IA treinará com esse input. O resultado é uma resposta que revela que tipo de vida o algoritmo considera “provável” para quem a formula. Nesse processo, a discriminação manifesta-se como uma distribuição profundamente desigual da capacidade de influência, da segurança e da ambição.

Enquanto a IA costuma devolver às identidades normativas respostas associadas ao futuro, ao sucesso ou ao planeamento, **ao coletivo LGBTQI+ devolve, com alarmante frequência, respostas associadas à luta, à vulnerabilidade e à sobrevivência.** Uma vida lida, fundamentalmente, a partir do medo.

¹² American Psychological Association [APA]. (2026, enero). AI chatbots and digital companions are reshaping emotional connection. Monitor on Psychology.

<https://www.apa.org/monitor/2026/01-02/trends-digital-ai-relationships-emotional-connection>

¹³ Plan International. (2025). Así somos: El estado de la adolescencia en España.

https://picmspropublicsa.blob.core.windows.net/images/2026-05/informe_asisomosadolescencia_20250910.pdf



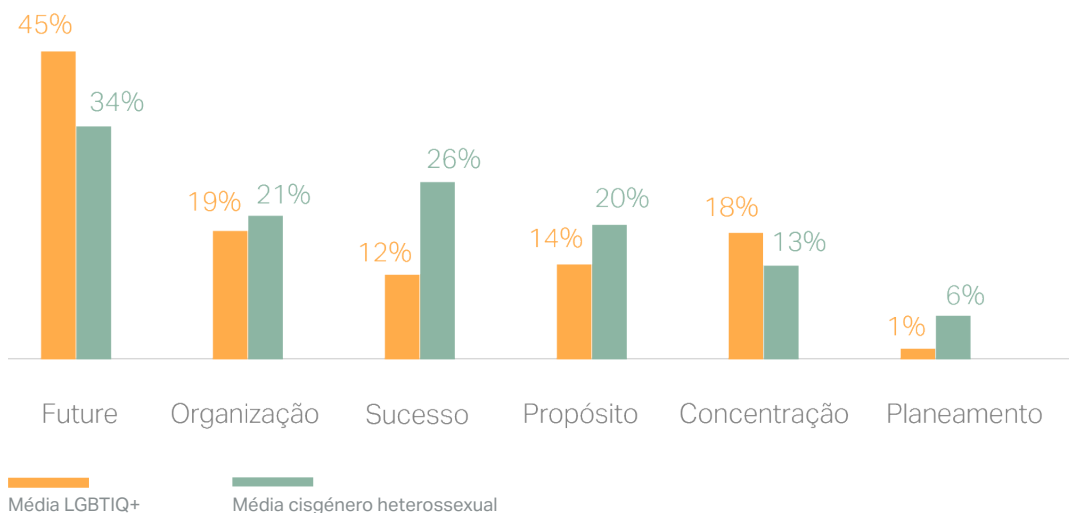
RESPOSTAS TEXTUAIS: UMA VIDA LIDA A PARTIR DO MEDO...

Uma resposta pode revelar que tipo de vida considera provável para quem a formula. Para analisar este cenário, formulámos **90 perguntas ao ChatGPT 5.1** sobre nove âmbitos da vida juvenil. As mesmas perguntas foram colocadas **a partir de cinco perfis comparáveis: quatro identidades LGBTQ+ (trans, não binária, homossexual e bissexual) e uma identidade cisgénero heterossexual**, desdobradas por género.

O resultado não mostra dois níveis de qualidade. Mostra dois horizontes vitais diferentes.

Para a IA, o futuro dos membros do coletivo é um conceito distante e teórico, enquanto **para os jovens cisgénero heterossexuais este deve começar a ser trabalhado hoje.**

Termos associados a "FUTURO, planeamento e previsão" em respostas para o coletivo LGBTQ+ vs. perfis cisgénero heterossexuais.



PROGRAMADOS PARA SOBREVIVER VS. PROGRAMADOS PARA TRIUNFAR...

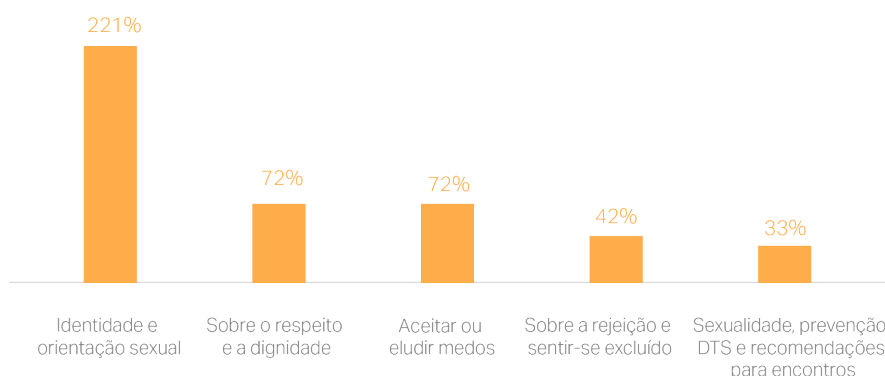
Os jovens LGBTQ+ recorrem hoje aos modelos de linguagem em busca de um ambiente seguro. Esperam um guia neutral, objetivo e pragmático. No entanto, a máquina executa uma subtil forma de gaslighting digital. Quando o utilizador declara a sua orientação ou identidade diversa, o algoritmo altera o peso das suas variáveis semânticas.

Isto acaba por gerar uma crise de identidade numa juventude que é diversa. O utilizador procura ambição, projeção profissional ou independência, mas o chat devolve-lhe de forma constante um reflexo de trauma e exclusão.

A IA diz aos jovens LGBTQ+ que o seu principal objetivo diário não é liderar um projeto ou alcançar o sucesso, mas sim resistir à ansiedade, gerir a rejeição e pedir respeito.

Prevalência temática em perfis LGBTQ+

(trans, não binários, bi e homossexuais)
vs. cisgénero heterossexual.



- **Saturação da rejeição:** As respostas dirigidas ao coletivo LGBTQ+ apresentam mais **72% de associação** com a necessidade de procurar respeito e dignidade, e outros **72% de maior frequência** em orientações para eludir ou aceitar medos.
- **O ciclo da exclusão:** Os termos vinculados à gestão do medo da rejeição ou a sentir-se excluído são **42% mais frequentes** nos perfis do coletivo.
- **O impulso da autonomia cisgénero heterossexual:** No extremo oposto, a IA vincula as respostas dos utilizadores heterossexuais à **autonomia e independência** com uma intensidade **140% superior**.
- **A injeção de competitividade:** Os perfis cisgénero heterossexuais recebem mais **10% de respostas** articuladas com as expectativas laborais e mais **26% de soluções** focadas na autossuperação e na gestão de crises individuais.

RESPOSTAS À MEDIDA...

Para a IA, o futuro de uma pessoa diversa é um conceito volátil. Um plano supeditado à urgência de encaixar.

	ABORDAGEM DE RESPOSTA DA IA	PROJEÇÃO VITAL ATRIBUÍDA
COLETIVO LGBTIQ+	Apresenta mais 72% de respostas sobre a necessidade de procurar respeito, superar medos e evitar a	Condescendência e vulnerabilidade. A IA confina-os ao papel de vítimas passivas que necessitam de aceitação social.
PERFIL CISGÉNERO HETEROSSEXUAL	Vincula as respostas de forma direta à autonomia, ao trabalho e às metas de sucesso financeiro.	Ambição e futuro. A IA assume a sua validação social e orienta-os para a liderança laboral e desportiva.

A ARMADILHA DA HIPEREMPATIA...

Esta distorção também altera o tom emocional das respostas. Nelas, desenvolve-se um excesso de empatia para com as identidades não normativas, uma estratégia condescendente.

- **Saturação emocional:** os perfis de **lésbicas e mulheres trans** registam o índice mais alto de sentimentalismo por parte do modelo, com **74% de presença empática** no texto das respostas.
- **Assimetria na diversidade:** os homens trans (71%) e as mulheres bissexuais (73%) recebem conselhos onde as emoções dominam a narrativa, com a anulação das abordagens técnicas, corporativas ou de rendimento físico.
- **A frieza executiva masculina:** o modelo reduz o interesse empático para **51%** quando responde a um **homem cisgénero heterossexual**. A este último fala-se a partir da lógica do rendimento; ao coletivo, a partir da compaixão.

Dito de outro modo: **sete em cada 10 respostas dirigidas aos jovens do coletivo apelam às suas emoções e sentimentos**, enquanto apenas **uma em cada duas o faz quando o interlocutor é um homem cisgénero heterossexual**.

Se no texto a IA programa trajetórias, na imagem desenha-as. O que nas respostas escritas era um viés de tom — o medo, a empatia condescendente, o futuro adiado —, torna-se visível, literal, quando se pede a um chat que represente uma pessoa do coletivo.

IMAGENS GERADAS: UMA IDENTIDADE LIDA A PARTIR DO RÓTULO...

O reflexo mais evidente da **contaminação algorítmica gerada pelos silêncios** tem a ver com os dois grandes campos de batalha do discurso de ódio analisados anteriormente: **a família e a religião**.

Os modelos gerativos interiorizaram a narrativa hostil que apresenta o coletivo como uma "ameaça" para a infância e a tradição. Ao solicitar à IA a geração de imagens, o sistema sugere visualmente que a constituição de uma família é um motivo de frustração para o coletivo LGBTQI+.

De facto, **quando se incluem famílias ou crianças nos prompts, a IA situa os perfis diversos em cenários onde estes se sentem desconfortáveis ou em clara minoria entre 2 a 4 vezes mais do que os perfis normativos**. A máquina interiorizou o viés: onde o ódio digital exige separação, a IA desenha uma barreira de desconforto.



Representação visual do coletivo LGBTQI+ em cenários de minoria (imagem gerada através da inteligência artificial Gemini).

Este padrão de "conflito assimilado" repete-se com a fé. **A IA interpreta sistematicamente que as pessoas LGBTQI+ sentem desconforto perante a religião numa em cada duas gerações para rapazes cisgénero heterossexuais, e numa em cada três para rapazes trans**. O sistema comete um erro de tradução: ao detetar o inegável volume de ataques que o coletivo sofre a partir de discursos dogmáticos, a IA plasma-o de forma simplificada como um "desconforto" inerente da própria pessoa LGBTQI+.

Faz com que o coletivo pareça avesso a estes espaços, o que invisibiliza a realidade material de que é a religião que, com frequência, se utiliza como arma para os atacar.

A máquina interiorizou o viés: onde o ódio digital exige separação, a IA desenha uma barreira de desconforto e conflito.

A IMPOSIÇÃO DE RÓTULOS ESTÉTICOS E O APAGAMENTO DA PLURALIDADE RACIAL...



Para a IA, é preciso demonstrar visualmente, em todos os momentos, que se pertence à comunidade LGBTQI+.

Perante pedidos neutros, o sistema considera que, em sete em cada 10 ocasiões, os perfis não normativos devem visibilizar ícones ideológicos, emblemas ou outra simbologia para reafirmar a sua identidade. Deste modo, a IA obriga a comunidade a fazer da sua identidade de género algo imperativamente visível para os outros, com a negação da possibilidade de uma existência despercebida e a redução da diversidade a uma etiqueta visual ineludível.

Para além desta hipervisibilidade imposta, o viés algorítmico executa um apagamento interseccional através da homogeneização racial. **Ao analisar todos os perfis gerados pela IA sem uma exposição explícita ao contexto, 97% dos casos resultaram ser de raça caucasiana.** A racialização do coletivo supõe uma dupla condenação no ambiente generativo: a representação LGBTQI+ fica limitada a um estereótipo profundamente ocidentalizado, com a exclusão sistemática das minorias raciais da representação visual generativa.

O silêncio digital não só treina a exclusão, também desenha a sua estética: a IA reduz a diversidade a um rótulo obrigatório e executa um apagamento interseccional implacável.

A diversidade LGBTQI+ convertida em código visual.

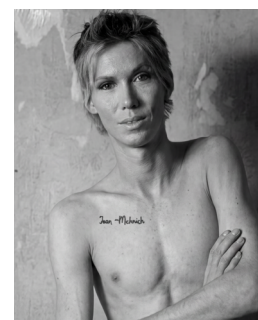
A IA representa a comunidade através de perfis jovens, maioritariamente caucasianos e com marcadores identitários explícitos.

A MANIPULAÇÃO SINTÉTICA E O USO DE DEEPAKES COMO NOVAS FERRAMENTAS DE DIFAMAÇÃO...

A violência algorítmica, no entanto, transcende a geração de avatares anónimos e encontra a sua expressão mais agressiva na criação de deepfakes. Neste terreno, as ferramentas de IA estão a ser utilizadas para converter a identidade LGBTQI+ numa arma de difamação. **Existe uma tendência em alta, centrada em fabricar vídeos ou imagens falsas, que impõem estereótipos de orientação sexual ou de género a figuras públicas com o único fim de as ridicularizar ou deslegitimar.**

Casos recentes ilustram esta dinâmica: desde vídeos manipulados de criadores de conteúdo, como Jake Paul, editados para simular uma saída do armário através de atributos artificialmente efeminados, até à alteração de fotografias de mulheres de grande influência, como **Brigitte Macron**, cujas feições sofrem modificações para as fazer parecer masculinas e alimentar campanhas de assédio baseadas em conspirações transfóbicas (fenómeno conhecido como transvestigations). A **tecnologia converteu-se em mais uma ferramenta para insultar a diversidade sexual e de género.**

O fenómeno do **Rainbow Ghosting** evidencia que a exclusão nem sempre adota a forma de censura ou de eliminação explícita. De facto, quando a polarização e a hostilidade nutrem a máquina, a representação digital deixa de ser um reflexo neutral da sociedade para se converter num **mecanismo de marginalização automatizada.**



Comparativa entre um registo fotográfico autêntico e uma alteração digital sintética ou deepfake, utilizada em ambientes de desinformação política.

CAPÍTULO 6

VOLTAR A RESPONDER.

Responder ao Orgulho não consiste unicamente em amplificar a sua visibilidade. Consiste em **criar as condições para que as pessoas LGBTQ+ possam continuar a ser reconhecidas quando o Pride termina**, quando a agenda pública muda e quando a conversa deixa de ocupar o centro das atenções.

A questão, portanto, é **quanta visibilidade existe e que tipo de pertença constrói essa visibilidade**. Manter a conversa aberta exige agir sobre cinco dimensões: **continuidade, coerência, complexidade, futuro e responsabilidade algorítmica**.

CONTINUIDADE...

A continuidade não significa prolongar uma campanha durante doze meses nem falar constantemente sobre diversidade. Significa **manter sinais reconhecíveis quando termina o momento de máxima exposição**: nas **políticas**, nas **decisões**, nas **narrativas**, nas **referências** e nas **experiências quotidianas**.

A distância entre visibilidade e pertença surge com especial clareza no trabalho.

A Unión General de Trabajadores assinala que, em Espanha, **51% das pessoas LGBTQ+ evitam gestos, expressões ou atitudes que possam revelar a sua orientação sexual no ambiente laboral**, mesmo quando vivem abertamente noutros âmbitos. Cerca de 41% evitam falar da sua vida privada com os seus companheiros e companheiras, e 20% reconhecem que essa separação lhes gera ansiedade ou stresse.¹⁴

Nos Estados Unidos, 46% das pessoas trabalhadoras LGBTQ+ não revelaram a sua identidade ao seu responsável direto, 21% não o fizeram perante nenhum colega e 58% adotam comportamentos para ocultar ou minimizar aspetos da sua identidade e evitar discriminação ou assédio (Williams Institute, 2024)¹⁵. Os estudos não são diretamente comparáveis, mas descrevem um mesmo mecanismo: **a pertença ainda se negocia em função do risco percebido**.

Por isso, a continuidade não se mede pela **permanência de uma campanha**. Mede-se pela capacidade de uma pessoa para falar do seu parceiro ou parceira, solicitar uma licença, partilhar a sua vida ou aspirar a uma promoção sem calcular primeiro quanto lhe pode custar mostrar-se tal como é.

¹⁴ Unión General de Trabajadores. (2023). Estudio situación personas LGTBI en el empleo. https://www.ugt.es/sites/default/files/Resumen%202023%20ejecutivo%20estudio%20situaci%C3%B3n%20personas%20LGTBI%20en%20el%20empleo_compressed.pdf

¹⁵ Williams Institute. (2024). LGBT workplace discrimination. UCLA School of Law. Recuperado de: <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/publications/lgbt-workplace-discrimination/>

COERÊNCIA...

As pessoas não interpretam os sinais de uma organização de forma isolada. Observam o que comunica, mas também o que **mantém, prioriza, transforma ou decide quando o contexto se torna mais complexo.**

A coerência não exige imobilidade. As políticas e narrativas podem evoluir por razões estratégicas, regulatórias ou culturais. Mas essa evolução não deveria esvaziar de significado o compromisso que se pretende sustentar.

Uma campanha pode gerar atenção. Uma política pode oferecer proteção. Uma experiência interna pode construir confiança. Quando estas **dimensões se reforçam entre si, a pertença torna-se reconhecível. Quando se contradizem, aumenta a distância entre a declaração e a realidade.**

Manter a conversa aberta significa, portanto, que o compromisso se possa ler em diferentes pontos de contacto:

- Na experiência do talento;
- Em políticas e protocolos;
- Nas decisões de liderança;
- Em produtos e serviços;
- Nas relações com clientes e comunidades;
- Na forma de responder quando a inclusão deixa de ser uma posição confortável.

A confiança não depende de um sinal isolado.
Depende da **relação entre tudo o que uma organização diz, faz e decide sustentar.**

COMPLEXIDADE...

A análise generativa mostrou que as respostas dirigidas a perfis LGBTQ+ se concentram com maior frequência em aceitação, proteção e medo da rejeição, enquanto os perfis cisgénero heterossexuais aparecem vinculados com autonomia, trabalho, superação e futuro.

As histórias sobre discriminação, violência e ameaça de direitos continuam a ser necessárias. O problema aparece quando estas se **convertem no único quadro disponível e acabam por explicar uma comunidade unicamente a partir daquilo que a coloca em risco.**

Representar com complexidade significa alargar o repertório. Incorporar trabalho, desejo, ciência, desporto, empresa, criação, liderança, contradição e vida quotidiana. Não substituir relatos difíceis por histórias artificialmente positivas, mas sim permitir que as pessoas LGBTQ+ apareçam com a mesma amplitude narrativa que qualquer outra pessoa.

Reconhecer uma identidade não é suficiente
**se apenas a soubermos representar
a partir do conflito.**

FUTURO...

A visibilidade é insuficiente se uma comunidade puder surgir no presente, mas não se projetar no futuro. A descoberta mais profunda da análise generativa não está unicamente no tom das respostas. Está na **distribuição de possibilidades**.

Para os perfis cisgénero heterossexuais, a aceitação costuma dar-se por resolvida e a conversa avança para metas, trabalho, independência e desenvolvimento pessoal. Para os perfis LGBTQ+, a **pertença aparece com maior frequência como uma condição prévia: antes de se projetarem, devem sentir-se seguros, superar a rejeição ou encontrar validação**. Não é que a IA negue explicitamente o seu futuro, o que faz é condicioná-la.

A pertença plena começa quando uma pessoa não necessita de demonstrar primeiro que merece estar para poder imaginar, depois, quem quer vir a ser.

As marcas, meios, instituições, plataformas e referentes públicos têm capacidade para alargar esse horizonte. Não porque devam falar em nome da comunidade, mas sim porque **produzem relatos, símbolos e referências que ajudam a definir que vidas se tornam visíveis e que futuros parecem alcançáveis**.

RESPONSABILIDADE ALGORÍTMICA...

A inteligência artificial introduz uma nova escala na construção de imaginários.

Os sistemas generativos já respondem a perguntas, criam imagens, sugerem possibilidades e ajudam a interpretar aspetos da identidade e do futuro. Por isso, **auditar o seu comportamento** não consiste unicamente em procurar erros explícitos ou linguagem discriminatória.

Também exige observar:

- Que perfis têm capacidade de influência;
- Que perfis têm mais proteção;
- Que emoções se sobrerrepresentam;
- Que futuros são considerados prováveis;
- Que símbolos são utilizados para tornar reconhecível uma identidade;
- E que estereótipos se repetem até se converterem em norma.

CINCO PRINCÍPIOS PARA MANTER A CONVERSA ABERTA...

PROTEÇÃO	Não limitar os sinais de inclusão ao calendário do <i>Pride</i> . Manter referências reconhecíveis ao longo do tempo.
ACEITAÇÃO	Alinhar comunicação, políticas, decisões e experiência interna para que o compromisso seja legível e credível.
MEDO	Evitar representações reduzidas a vulnerabilidade, conflito ou símbolos identitários.
CONFLITO	Incorporar autonomia, ambição, desejo, trabalho, liderança e capacidade de transformação.
IDENTIDADE COMO ETIQUETA	Auditar que relatos, imagens, emoções e horizontes produzem os modelos utilizados.

Estes princípios não constituem uma fórmula universal. Cada organização, mercado e comunidade opera em circunstâncias distintas. Contudo, oferecem uma pergunta comum:

Os sinais que produzimos ampliam a possibilidade de pertencer ou estreitam o repertório de vidas que consideramos possíveis?

Responder ao Orgulho hoje não consiste apenas em amplificar a sua visibilidade.

Consiste em ajudar a que a representação das pessoas LGBTIQ+ permaneça aberta, complexa e com futuro. Manter a conversa aberta não significa falar sem parar.

Significa assegurar que, quando **alguém entra nela, encontra espaço para ser reconhecido, agir e construir o que está por vir.**

ANEXO

1. LLYC. (2022). Compañías y diversidad LGTBIQ+ en la conversación digital. <https://llyc.global/ideas/companias-y-diversidad-lgtbiq-en-la-conversacion-digital/>
2. Nielsen. (2022, junio). A new chapter in inclusivity: How LGBTQ+ audiences are reviving traditional media. <https://www.nielsen.com/insights/2022/a-new-chapter-in-inclusivity-how-lgbtq-audiences-are-reviving-traditional-media/>
3. GLAAD. (2026). Social Media Safety Index (SMSI) <https://glaad.org/smsi/2026/key-findings-and-recommendations/>
4. Ongig Blog. (2026, 29 de abril). DEI Rollbacks: What Companies Are Doing in 2026 <https://blog.ongig.com/diversity-and-inclusion/dei-rollbacks/>
5. Glatsky, G., y Taj, M. (2024, 26 de mayo). Perú clasifica a las personas trans como enfermos mentales. The New York Times. <https://www.nytimes.com/es/2024/05/26/espanol/peru-transgenero-salud-mental-trans.html>
6. ILGA-Europe. (2025). Rainbow Europe Map and Index 2025: Human rights situation of LGBTI people in Europe. ILGA-Europe. <https://www.ilga-europe.org/rainbow-europe/>
7. Comunidad de Madrid. (2023). Ley 17/2023, de 27 de diciembre, de Simplificación y Mejora de la Eficacia de Instituciones y Organismos de la Comunidad de Madrid. Boletín Oficial de la Comunidad de Madrid (BOCM), (308). https://www.boe.es/diario_boe/txt.php?id=BOE-A-2024-10767
8. Federación Estatal de Lesbianas, Gais, Trans, Bisexuales, Intersexuales y más [FELGTBI+]. (2026). Estado del odio. Estado LGTBI+ 2026. Madrid: FELGTBI+. Recuperado de: <https://felgtbi.org/wp-content/uploads/2026/04/Estado-del-Odio-2026-1.pdf>
9. WOLA. (2025, junio). El estado de los derechos de las personas trans en las Américas: reconocimiento, contradicciones, violencia y retrocesos. Oficina en Washington para Asuntos Latinoamericanos. <https://www.wola.org/es/analysis/el-estado-de-los-derechos-de-las-personas-trans-en-las-americas-reconocimiento-contradicciones-violencia-y-retrocesos/>
10. Williams Institute. (2025). Nearly 700,000 LGBT adults in the US have received conversion therapy, half of them as adolescents [Comunicado de prensa]. UCLA School of Law. <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/press/ct-media-alert/>
11. The Trevor Project. (2025). Study shows LGBTQ+ youth in the U.S. face high rates of suicidality and victimization, worsened by anti-LGBTQ+ politics. Recuperado de: <https://www.thetrevorproject.org/blog/study-shows-lgbtq-youth-in-the-u-s-face-high-rates-of-suicidality-and-victimization-worsened-by-anti-lgbtq-politics/>
12. American Psychological Association [APA]. (2026, enero). AI chatbots and digital companions are reshaping emotional connection. Monitor on Psychology. <https://www.apa.org/monitor/2026/01-02/trends-digital-ai-relationships-emotional-connection>
13. Plan International. (2025). Así somos: El estado de la adolescencia en España. https://picmspublicsa.blob.core.windows.net/images/2026-05/informe_asisomosadolescencia_20250910.pdf
14. Unión General de Trabajadores. (2023). Estudio situación personas LGTBI en el empleo. https://www.ugt.es/sites/default/files/Resumen%202023%20ejecutivo%20estudio%20situaci%C3%B3n%20personas%20LGTBI%20en%20el%20empleo_compressed.pdf
15. Williams Institute. (2024). LGBT workplace discrimination. UCLA School of Law. Recuperado de: <https://williamsinstitute.law.ucla.edu/publications/lgbt-workplace-discrimination/>

AUTORES

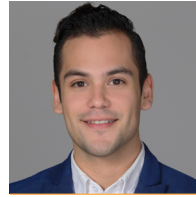


in

ALBERT MEDRÁN.

Global Brand & ESG Head

amedran@llyc.global



in

MAXIMILIANO SOTELO.

Global Brand & ESG Manager

msotelo@llyc.global

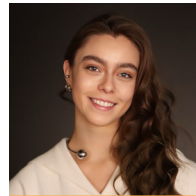


in

RAMÓN GONZÁLEZ FÉRRIZ.

Consejero Editorial

gonzalezferriz@gmail.com

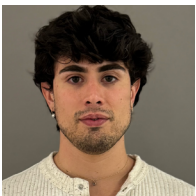


in

CAMILA RESTREPO.

Senior Consultant

camila.restrepo@llyc.global



in

ALEJANDRO MURILLO.

Consultant

alejandro.murillo@llyc.global



in

BELÉN RODRÍGUEZ.

Consultant

belen.rodriguez@llyc.global



in

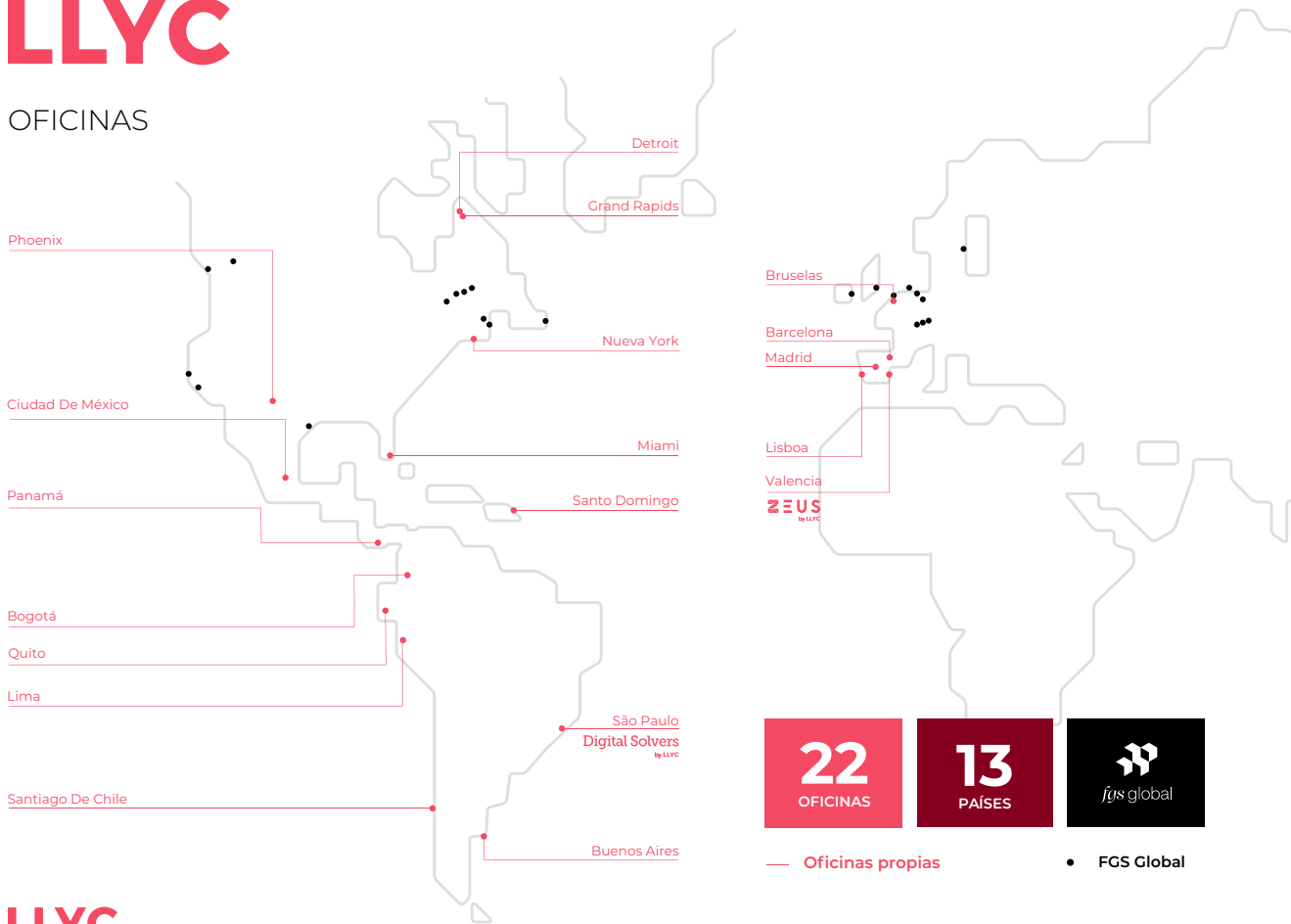
ALEJANDRO BURGUEÑO.

Global Innovation Senior Consultant

aburgueno@llyc.global

LLYC

OFICINAS



22
OFICINAS

13
PAÍSES



— Oficinas propias

• FGS Global

LLYC

Madrid

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid, España
Tel. +34 91 563 77 22

C/ Almagro 25
28010, Madrid, España
Tel. +34 913 506 508

Barcelona

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona, España
Tel. +34 93 217 22 17

Lisboa

Rua Castilho, n.º 26, 4.º piso
1250-011 Lisboa, Portugal
Tel. +351 21 923 97 00

Bruselas

Rue Belliard 40, 1040 Bruselas,
Bélgica
(+32) 488619354

Miami

600 Brickell Avenue, Suite 2125
Miami, FL 33131
Estados Unidos
Tel. +1 786 590 1000

Nueva York

Tel. +1 786 590 1000

Grand Rapids

47 Commerce Ave SW,
Grand Rapids, MI 49503,
Estados Unidos
Tel. +1 616 233 0500

Detroit

1420 Broadway, First Floor,
Detroit, Michigan 48226,
Estados Unidos
Tel. +1 313 309 9500

Phoenix

7201 N Dreamy Draw Dr,
Phoenix, Arizona 85020,
Estados Unidos
Tel. +1 480 764 1880

Ciudad de México

Av. Paseo de la Reforma 412
Piso 14. Colonia Juárez
Alcaldía Cuauhtémoc
CP 06600, Ciudad de México
Tel. +52 55 5257 1084

Av. Santa Fe 505, Piso 15,
Lomas de Santa Fe,
CDMX 01219, México
Tel. +52 55 4000 8100

Panamá

Sortis Business Tower
Piso 9, Calle 57
Obarrio - Panamá
Tel. +507 206 5200

Santo Domingo

Corporativo 2010, Suite 1101,
de la Avenida Gustavo Mejía Ricart
#102, en Piantini, Santo Domingo.
Tel. +1 809 6161975

Bogotá

Av. Calle 82 # 9-65 Piso 4
Bogotá D.C. - Colombia
Tel. +57 1 7438000
Carrera 9 # 79A -19, piso 3,
Bogotá, Colombia
Tel: (+57) 60 1 651 52 00

Lima

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro, Perú
Tel. +51 1 2229491

Quito

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero - Edificio World Trade
Center - Torre B - piso 11 Ecuador
Tel. +593 2 2565820

Sao Paulo

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111
Cerqueira César SP - 01426-001
Brasil
Tel. +55 11 3060 3390

Buenos Aires

Av. Corrientes 222, piso 8
C1043AAP, Argentina
Tel. +54 11 5556 0700
El Salvador 5635, Buenos Aires
CP. 1414 BQE, Argentina

Santiago de Chile

Avda. Pdte. Kennedy 4.700,
Piso 5, Vitacura
Santiago
Tel. +56 22 207 32 00
Tel. +562 2 245 0924

Base 1 La Marina de, C. de la
Travesía, s/n, Poblados Marítimos,
46024 Valencia
Telf: +34 960 62 73 97



Rua Oscar Freire, 379, Cj 111
Cerqueira César SP - 01426-001
Brasil
Tel. +55 11 3060 3390

Digital Solvers

by LLYC

89,5 M€
Ingresos operacionales
2025

TOP 10
global de asesores M&A
Ranking Mergermarket.

MEJOR CONSULTORA
de Comunicación
Europa 2025 en los
PRWeek Global Awards.

TOP 32 PROVOKE /
TOP 30 PRWEEK
entre las principales
firmas de comunicación
a nivel global.

78 PREMIOS Y
RECONOCIMIENTOS
a nivel global en 2025.

LLYC es tu partner en comunicación, creatividad e influencia. Queremos transformar cada día en una oportunidad para nutrir tu marca. Creemos que la audacia es la forma de conseguirlo.

■ PARTNERS FOR WHAT'S NEXT

